

Janelas Abertas.



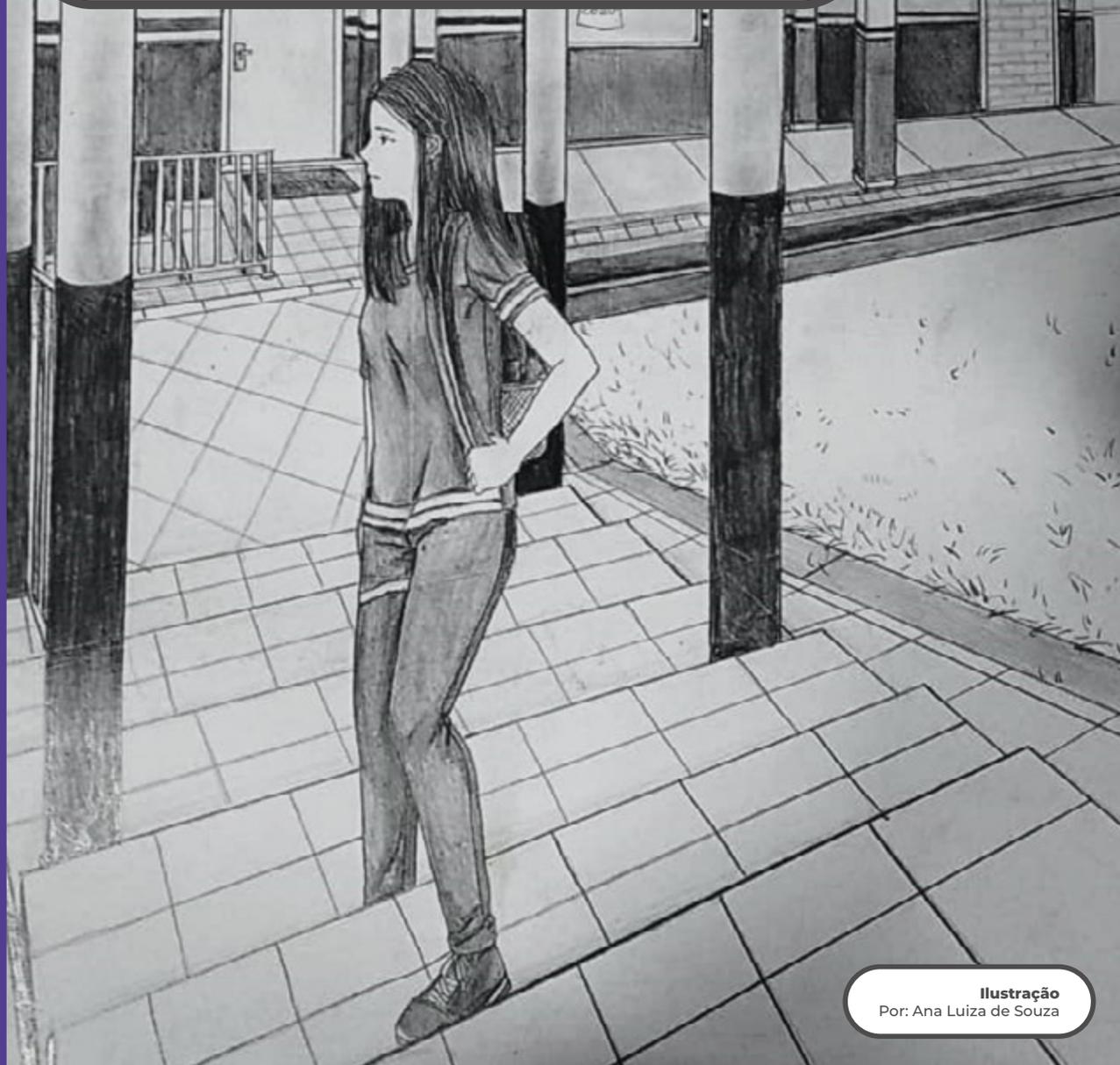
JOÃO CUERO



NCEP
U F P R

ANO
01

EDIÇÃO
Nº0



Ilustração

Por: Ana Luiza de Souza

**Retratos do
Nono Ano.**

PG. 27

**Índigo,
bem-vinda de
volta!**

PG. 08

**Se Liga nas
Telinhas!**

PG. 48

Carta ao leitor.

Fiquei muito feliz quando na distribuição de aulas para 2020, tive a oportunidade de continuar trabalhando com turmas de alunos dinâmicos e criativos que já havia trabalhado anteriormente! Por isso, logo comecei a pensar qual seria o projeto que motivaria o desenvolvimento das habilidades de língua portuguesa no último ano do ensino fundamental.

Foi quando me recordei de um projeto desenvolvido no Colégio Anjo da Guarda, onde os alunos produziram uma revista, reunindo os trabalhos de língua portuguesa e de artes. Sempre achei um trabalho bonito ao qual hoje a querida Luci dá continuidade. Pedi autorização para “copiar” a ideia, ela não só autorizou, como ofereceu apoio e exemplares de revistas para eu entregar aos meus alunos.

Iniciamos o ano letivo com a ideia de desenvolver este projeto, desde então contei com o apoio da direção e a contribuição da Professora Melissa, de Matemática, passando a trabalhar juntas em uma aula semanal para os primeiros contatos com esse suporte.

Eis que em março fomos surpreendidos pela suspensão das aulas presenciais devido à pandemia da COVID-19 e passamos

a viver um período de grandes incertezas, muitas adaptações, horas extras de trabalho e aprendizado para amenizar as dificuldades decorrentes do fechamento das escolas. Com o passar das semanas, fui tentando trabalhar em mim a ideia de que não teria mais tempo e possibilidade de desenvolver o projeto da revista.

Eis que em maio, recebo um áudio do querido professor Zeca, orientador do NCEP, me perguntando se eu tinha alguma ideia de atividades remotas. Claro! Logo lembrei da revista e passamos a conversar sobre formas de realizar essa atividade à distância.

Os acadêmicos foram chegando, novas ideias foram surgindo, fizemos a proposta aos alunos que logo toparam! Zeca fez uma fala encantadora sobre a importância da revista como veículo de comunicação e passamos a nos envolver cada vez mais com as seções que fomos idealizando e às quais os alunos foram aderindo por afinidade aos temas propostos.

Graças a esta oportunidade, esses dias se revestiram de mais esperança! Fico muito feliz com a participação e engajamento dos alunos e o comprometimento de todos os envolvidos. Muito obrigada a cada um de vocês!

Boa leitura! Aproveitem esta edição de “Janelas abertas”.

Érica Rodrigues.

A revista **Janelas Abertas** é de autoria dos alunos do Colégio Estadual João Gueno, com a coordenação da professora Érica Rodrigues e oficinas e organização do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP UFPR), constituído por: David Perez Milani, Gabrielle Marina Melego Romão, Ghislain Clovis Hounwanou, Joana Luzia Tápea Pereira, Lucas Daniel de Lima, Mariana Pallú Martins, Patrick Tales Gonçalves, Paula Bulka Durães, Raíssa Pontes Trevisan, orientados pelo professor José Carlos Fernandes.

Revisão: Jully Ana Pereira Mendes, Paula Bulka Durães, Raíssa Pontes Trevisan, Thiago Fedacz Anastacio. • **Projeto Gráfico e Diagramação:** Alisson de Souza Alves Luiz. • **Conselho Editorial:** Gabrielle Marina Melego Romão, Mariana Pallú Martins. • **Ilustrações:** Flat Icon (www.flaticon.com), FreePik (www.freepik.com).

Sumário.

- 04. Quem Somos?**
[Mini Perfil]
- 06. Grupo Focal.**
[Trechos de Depoimentos]
- 08. Índigo, bem-vinda de volta!**
[Entrevista]
- 15. Matemática da Transmissão.**
[Reportagem]
- 17. O vocabulário Quarentener.**
[Reportagem]
- 20. Aulas à Distância.**
[Depoimentos]
- 24. João Gueno em Tempos de Pandemia.**
[Depoimentos]
- 27. Retratos do Nono Ano.**
[Matéria de Capa]
- 34. Ilustrações.**
[Imagens]
- 36. Prêmios e Conquistas.**
[Tópicos]
- 37. Linha do Tempo.**
[Linha do Tempo]
- 38. A mulher de grande inspiração e admiração, de sonhos e realizações.**
[Entrevista]
- 44. Para além da Tia Jo.**
[Perfil]
- 46. Querida Tia.**
[Perfil]
- 48. Se Liga nas Telinhas!**
[Dicas de Filme]
- 51. Entretenimento.**
[Jogos e Piadas]
- 56. Miniconto: o máximo no mínimo**
[Minicontos]
- 58. Aconteceu no João Gueno.**
[Crônicas]

Quem Somos?



Adilson Kevin

Meu nome é Adilson Kevin e estudo no C.E João Gueno no 9ºB. Gosto de jogar badminton e estou ajudando a fazer a revista.



André Luiz T. C. Darolt

Olá! Meu nome é André, sou do 9ºA do Colégio Estadual João Gueno. Estou participando da produção da revista "Janelas Abertas" com parceria do NCEP.



Francisco Rosenente

Olá, eu sou...não...esse não sou eu! Ainda não... Isso! Esse sim sou eu... Francisco Rosenente Neto, do 9ºB. Sinto-me feliz por saber que, apesar do isolamento, aprendi e realizei projetos que vão muito além dos muros da escola, experiências que levo para a vida, trilhando o caminho e indo muito mais além.



Ana Luiza de Souza

Meu nome é Ana Luiza e estudo no Colégio João Gueno na turma do 9ºB. Participei das seções de Entrevista (entrevista com a "Tia Jo"), Entretenimento (desenho da tirinha), Pesquisa (pesquisa com alunos) e na elaboração do texto Clube da Luta e a Sociedade, juntamente com meu parceiro Gustavo Gregório.



Emanuelle Viana de Freitas

Manu é aluna do 9º ano do Colégio Estadual João Gueno e gosta de conhecer coisas novas. Participou das seções de Entretenimento, Matéria de Capa e Ciência, Tecnologia e Saúde da revista.



Fabiane Polli Santo

Fabi é aluna do nono ano no Colégio Estadual João Gueno. Participou da produção da revista ajudando nas seções de Entretenimento, Público Alvo e Aulas à Distância.



Gustavo Luiz Gregório

Gustavo é aluno no 9ºA do Colégio Estadual João Gueno. Participou na criação de enquetes e entrevistas para a revista.



Jucimara Maria Pires

Olá, sou Jucimara Maria Pires. Já estudo no Colégio Estadual João Gueno há 5 anos e estou contente em ter feito parte de um projeto tão especial como esta revista.



Lucas Girotto

Oi, meu nome é Lucas e eu moro em Colombo, no Paraná. Adoro desenhar e pescar. Também gosto de artes marciais, como o Jiu Jitsu que pratico desde meus 7 anos. Para o futuro, quero seguir carreira no esporte e abrir minha própria academia. Eu adoro frio, por esse e outros motivos vou morar no Canadá. Eu sou viciado em jogos de mesa, pena que ninguém aqui de casa goste!



Rafaella Andrelini

Rafa é aluna do nono ano do Colégio Estadual João Gueno. Participou da produção da revista ajudando nas seções de Entretenimento, Minicontos e na Pesquisa de Opinião.



João Henrique Gueno

Meu nome é João Henrique Gueno, estou no 9º e moro no bairro Colônia Faria. Ajudei na revista e nos grupos de depoimento e públicos.



Luana Napoleão

Sou Luana Napoleão Valdera e estudo no colégio João Gueno há 3 anos. Estou muito feliz de ter participado de mais um projeto como esse.



Maria Eduarda Constantino

Eu sou a Maria Eduarda Constantino do 9ºB e estudo no João Gueno desde o 6º ano. Fico feliz por estar concluindo mais um trabalho entre a escola e o NCEP.



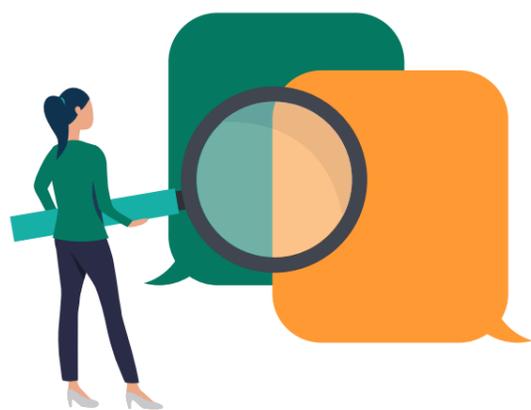
Milena Yasmin dos Santos

Eu me chamo Milena, sou aluna do 9ºb no Colégio Estadual João Gueno e participei do desenvolvimento da revista!



Victoria Avila

Oii, meu nome é Victoria e estudo no Colégio Estadual João Gueno. No meu tempo livre costumo ficar na cama com a minha gatinha de estimação e vejo vídeos no YouTube. Na quarentena estou praticando crochê.



Grupo Focal.

O grupo focal foi uma atividade desenvolvida após o lançamento da edição virtual da revista Janelas Abertas.

Este método de pesquisa qualitativa é muito utilizado na área do marketing e leva em consideração pontos a melhorar, acrescentar ou retirar sobre o que é analisado. Sua aplicação consiste em uma reunião em que se ouve a opinião de pessoas selecionadas sobre algo, o objeto analisado pode ser qualquer produto, como filmes, propagandas

comerciais, anúncios, novos produtos e, até mesmo, novas empresas. Para participar do grupo focal, foram convidados profissionais da área da educação para responderem algumas perguntas e opinarem sobre a revista. Utilizamos esse artifício para melhorar e aprimorar a Janelas Abertas para os nossos leitores, buscando trazer sempre o melhor para o projeto!

Entre as perguntas feitas para o grupo, os alunos queriam saber qual foi a seção que mais chamou a atenção

e qual era a interpretação deles em relação ao nome escolhido para a revista.

O grupo focal foi organizado pelos alunos **Adilson, André, Francisco, João, Luana** e **Rafaella**, com o apoio da professora **Érica** e do **NCEP UFPR**.

A princípio, os alunos não sabiam o que era um grupo focal. Alguns ficaram receosos com a ideia, mas relataram que, após realizarem a atividade, gostaram muito da experiência, sendo muito enriquecedora e interessante.



“Eu achei legal e interessante, não sabia o que era o grupo focal, mas fui conhecendo e acabei gostando.”

Adilson Kevin

“Bom, a princípio eu não sabia o que era um grupo focal e eu gostei muito da

experiência. Ela foi enriquecedora, por causa das ideias que foram pontuadas pelos participantes e também por causa dos pontos a melhorar que foram listados, porque muitas vezes são pontos pequenos, mas que fazem uma grande diferença no fi-

nal, foi uma experiência diferente do que eu já tinha tido contato.”

Francisco Rosenente Neto

“Foi legal, conheci o que era grupo focal, pois não sabia o que era e nunca tinha ouvido falar. Foi uma experiência



boa, conheci pessoas diferentes e fiz algo novo.”

João Henrique Gueno

“Eu achei bem interessante participar do grupo focal, foi uma experiência muito legal. No começo quando falaram em fazer um grupo focal, eu não sabia direito o que era e fiquei com medo de fazer, mas assim que foi explicado eu achei bem interessante e foi bem divertido.”

Rafaella Andreini

“Eu nunca tinha ouvido falar do grupo focal, então eu estava um pouco receosa sobre o que faríamos, mas acabou que foi uma boa experiência e eu gostei muito.”

Luana Napoleão Valdera

“Foi uma grande novidade! Assim como ocorreu diante de outras propostas que nos foram apresentadas nesta parceria com o NCEP, aceitamos esta nova experiência! Fiquei muito satisfeita por todas as etapas de tra-

balho desta seção desde o estudo sobre no que consistia um grupo focal e seus objetivos, passando pela elaboração das perguntas, sugestões de participantes, realização em si e avaliação após o encontro. Os alunos interagiram de modo muito seguro com os participantes que fizeram uma avaliação muito atenta do nosso trabalho, com ricas sugestões de melhoria!”

Prof. Érica Rodrigues

Pontos Positivos e Pontos a Melhorar.

As informações a seguir foram sintetizadas de comentários, sugestões e elogios feitos pelos participantes do grupo focal da revista Janelas Abertas.

 <p>A IDENTIDADE VISUAL ESTÁ INCRÍVEL! ESTÁ LEVE, NÃO ESTÁ ENTULHADO DE COISA, TEM FÁCIL VISUALIZAÇÃO, ELA CUMPRE UMA FUNÇÃO BEM LEGAL.</p>	 <p>A COR E O FUNDO DOS TEXTOS ALGUMAS SEÇÕES ESTÃO DIFÍCEIS DE LER, A SUGESTÃO É PRESTAR ATENÇÃO NA COR, NA FONTE E NO FUNDO QUE VÃO SER UTILIZADOS!</p>
<p>LUGAR ONDE FICA O COLÉGIO QUEM NÃO CONHECE O COLÉGIO NÃO TEM COMO SABER ONDE ELE FICA, A SUGESTÃO É QUE TENHA UM MAPA PARA LOCALIZAÇÃO.</p> 	 <p>SITE JOVEM E CHAMATIVO EU ACHEI O SITE MUITO BONITO, MUITO LINDO MESMO, A PRIMEIRA IMPRESSÃO QUE PASSA POR CAUSA DAS CORES. ACHO QUE ESTÁ BEM JOVEM QUE CABE MUITO PRO CONTEXTO.</p>
 <p>USO DE INFOGRÁFICOS NO TÓPICO AULA A DISTÂNCIA EU GOSTEI MUITO QUE VOCÊS COLOCARAM EM FORMA DE INFOGRÁFICO, ISSO É BEM INTERESSANTE.</p>	 <p>UTILIZAÇÃO DE OUTRAS MÍDIAS ALGUMAS SEÇÕES TEM MUITO TEXTO, A SUGESTÃO É QUE SE UTILIZEM DE INFOGRÁFICOS, IMAGENS E ATÉ VÍDEOS PARA DEIXAR A REVISTA MAIS CHAMATIVA!</p>

Fonte: Janelas Abertas



Índigo, bem-vinda de volta!



A escritora e o colégio João Gueno:
uma relação atualizada em tempos de pandemia

Por:

Emanuelle Viana de Freitas

Fabiane Polli Santos

María Eduarda Juci Freitas

Milena Y. Dos Santos

Para esta segunda edição, a equipe responsável pela entrevista escolheu conversar com Ana Cristina Ayer de Oliveira, ou melhor, a nossa querida **Índigo!** Para além de todas as apresentações sobre o talento dessa escritora, com uma vasta produção literária principalmente voltada ao público infantojuvenil, a escolha se justifica pela oportunidade de um reencontro. Nele, mesmo que de forma virtual, recordamos um pouco da experiência de leitura de suas obras *A maldição da moleira* e *Saga Animal*, nos sextos e sétimos anos de 2013 e 2014, as visitas ao nosso colégio, os novos projetos e a criatividade em tempos de pandemia. A seguir, vocês podem conferir um pouco desse encontro emocionante e com um bate-papo delicioso! Boa leitura!

Por que Índigo?

ÍNDIGO: Olha, foi assim: Índigo surgiu quando comecei a escrever contos na internet, e isso foi bem no comecinho dela. Tinha pouca gente escrevendo, produzindo, e eu também tinha pouquíssima experiência de expor os meus textos para pessoas que não fossem basicamente da família. Então, como eu

tinha uma certa insegurança em relação ao que iriam achar dos textos, resolvi criar um pseudônimo. O motivo inicial foi esse. Além disso, eu queria um pseudônimo neutro, um que não soubessem se era um homem ou uma mulher escrevendo, por isso escolhi “Índigo”. Com o tempo, descobri que, de fato, quando me sento para escrever ficção, a

impressão que tenho é que realmente me transporto para a pele de outra pessoa e daí o fato de usar um pseudônimo começou a fazer cada vez mais sentido.



Índigo (Ana Cristina Ayer de Oliveira)
Fonte: livrosdaíndigo.com.br

Quais foram os motivos que a levaram a morar fora do país?

ÍNDIGO: Nem foi muito uma decisão minha. Basicamente porque, quando estava com 19 anos, eu ia começar a faculdade e meu pai foi transferido por causa do emprego dele para os Estados Unidos. Com ele foram a minha mãe e a minha irmã mais nova. Eu tive a opção de ir ou ficar por aqui fazendo faculdade, só que descobri que o curso que eu estava fazendo, que era Letras, não estava me agradando nem um pouco. O que eu queria realmente fazer era Jornalismo. Fiz seis meses aqui e resolvi ir para lá fazer a graduação e ficar com eles. Esse foi o motivo.

Qual é o motivo de você não exercer a profissão de jornalista?

ÍNDIGO: O chamado para a literatura, para a escrita, é muito comparado a um dom artísti-

co, não é mesmo? Acho que quando temos esse chamado de desenvolver algum dom específico é uma coisa muito forte, e eu sentia que no Jornalismo não iria me realizar nunca. Eu realmente tinha que escrever ficção, literatura, e isso me parecia uma ideia muito louca, mas era uma verdade muito profunda ao mesmo tempo. Então resolvi me arriscar nessa área, foi basicamente seguir a intuição, como um chamado mesmo. Eu sabia que era ali que eu tinha que desenvolver as minhas habilidades.

Como começou sua carreira de escritora? E como você escolheu o seu estilo literário?

ÍNDIGO: Vou começar pelo fim. O estilo literário não é uma decisão consciente, que você escolhe ou você até planeja. O estilo você descobre fazendo. Durante um tempo, você escreve muito e essas primeiras escritas normalmente são inspiradas nos autores que são as suas referências. Por exemplo, para mim, uma grande referência sempre foi a Lygia Bojunga e a outra Lygia, a Lygia Fagundes Telles. São duas autoras que eu lia muito quando jovem, admirava demais e eu tenho certeza de que os meus primeiros contos tinham



uma pegada de Lygia Fagundes Telles. É uma espécie de “macaquear”, só que com a prática a gente vai encontrando a nossa própria voz e é um processo bem accidental. Uma frase sobre estilo que vi recentemente e que achei muito boa é: “Estilo é aquilo que você faz errado”. Por exemplo, eu estava copiando a Lygia Fagundes Telles durante um tempo. De repente eu fiz errado e descobri a minha própria voz. Então estilo é isso: quando você consegue encontrar a sua singularidade ali, na escrita. E sobre a primeira pergunta, foi quase como uma consequência, porque se você for pensar, a carreira de escritora é consequência de você ter livros publicados. No começo eu fazia muitos textos para publicidade, fazia traduções do inglês para o português, escrevia alguns contos, fazia vários bicos. Enquanto nesses primeiros anos eu ia publicando os meus livros, lá pelas tantas, depois de uns bons seis livros publicados, foi que comecei a considerar a escrita de livros como uma profissão mesmo. É um processo bem gradual.

Quando publicou os seus primeiros contos na internet, em 1997, quais eram as suas expectativas quanto a ser escritora?

Índigo

Saiba mais sobre a Índigo em seu site:

bit.ly/sitedaíndigo

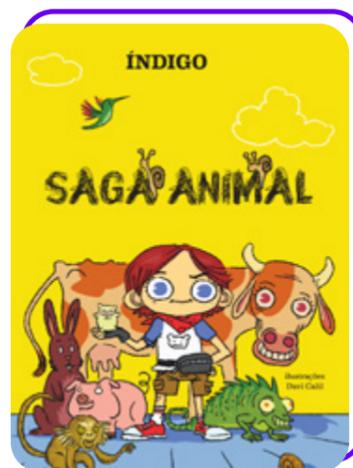


ÍNDIGO: Acho que nenhuma (risos). No começo, penso que a gente escreve como uma diversão. Eu realmente gostava muito daquilo, mas não imaginava que poderia virar uma profissão, de jeito nenhum. Eu estava ali, ainda ganhando musculatura de escrita, mas foi só muito mais para frente que fui perceber que tinha condições de transformar aquilo em uma profissão mesmo. Nas artes em geral, a gente realmente começa como amador, no sentido da palavra daquele que ama. Eu escrevia porque amava escrever contos e publicá-los na internet, e continuo amando. E dessa dedicação, desse amor, de fazer simplesmente pelo coração e por gostar daquilo que, só lá para frente, teve um retorno financeiro.

Quais foram as suas motivações e as dificuldades para escrever e publicar o seu primeiro livro?

ÍNDIGO: A motivação do primeiro livro foi eu perceber que ali, realmente, eu tinha uma boa história. Acho que a motivação do escritor tem que vir da história em si. Você tem que acreditar muito no livro que está escrevendo e eu acreditava. Também percebi que o livro que

estava escrevendo, o “Saga Animal”, uma história de um menino que quer ter um bicho de estimação e a mãe não deixa, poderia fazer com que muitas pessoas se conectassem com ela, porque é tipo um clássico da infância, né, passar por essa fase em que a mãe não deixa a gente ter um bicho e a gente quer de qualquer jeito. Muitas crianças passam por essa situação. Quando saquei isso, falei: “Aqui vale a pena investir”, porque percebi uma potência de história, a motivação veio daí. As dificuldades? Eu não conhecia nenhum escritor, nenhuma escritora, não conhecia ninguém que trabalhasse numa editora, não sabia o caminho das pedras, não tinha ninguém na minha família que soubesse também, que já tivesse trabalhado em um mercado editorial.



Saga Animal
Índigo

Fui descobrindo o caminho sozinha e foi numa época em que não tinha muita oficina de escrita, aliás, tinha uma só. Fui do jeito que achei que tinha que ir, que foi começando a frequentar a bienal e procurando outros escritores na internet. Fui dando cabeçada e ouvindo muito “não”, mas junto disso chegaram pessoas que foram me ajudando. Então acho que foi numa proporção igual. A maior dificuldade foi essa: descobrir o caminho do zero. Foi muito gostoso, na verdade, quando paro para lembrar.

É muito difícil achar um lugar onde se possa publicar o seu livro?

ÍNDIGO: É, é difícil. E eu acho... Não, eu tenho quase certeza, que escritores e escritoras que começam e logo de cara dá muito certo é quase como uma sina, porque a gente vê que depois, no segundo livro, não sei o que acontece que parece que daí a coisa começa a ficar muito mais complicada e sofrida. Como o primeiro foi muito fácil e foi um sucesso logo de cara, no segundo livro, começa a parte difícil e isso é muito frustrante. Então é melhor assim: que no começo seja muito difícil e depois vá ficando fácil.

Qual livro que você escreveu marcou a sua carreira e a sua vida? Com qual história você mais se identifica nos seus livros?

ÍNDIGO: A história que mais marcou a minha carreira foi o li-

vro “Cobras em Compota”. Como resultado, ganhei um concurso literário do Ministério da Educação na época, e o livro foi distribuído para bibliotecas do Brasil inteiro, então isso realmente me mudou. Eu era uma escritora que era conhecida basicamente em São Paulo, e de repente os meus livros chegaram em tudo quanto é canto do Brasil. Foi uma grande mudança de direção. E sobre a outra pergunta: a história com a qual eu mais me identifico? Nossa, é uma pergunta difícil até. Mas acho que se for pensar assim, realisticamente, também é “Cobras em Compota”, porque ali são contos que tem muita coisa da minha vivência em comparação aos outros, que são basicamente ficção com alguns temas que a gente sempre extrai da vida. Mas ali tem umas coisas bem coladas e memórias de infância mesmo.

Para você, qual foi a importância pessoal e profissional de trabalhar com o colégio João Gueno?

ÍNDIGO: Olha, foi muito interessante. Eu lembro da história, da caminhada que foi para chegar aí. Primeiro a professora Érica me escreveu falando que ela tinha encontrado um livro meu na biblioteca, que eu não me lembro agora se era o “Saga Animal” ou a “Maldição da Moleira” (foi a “Maldição da Moleira”), e que ela começou a ler para uma turma que não tinha muito interesse em leitura e escrita. Era uma turma que não tinha se encantado com isso ainda e que de repente

a leitura desse livro mudou algo ali que a fez ficar super interessada. Então a gente começou a trocar figurinhas. Eu falei: “Vou mandar outros livros” e os mandei. A gente começou a se falar mais e a turma também curtiu. Poderíamos então dar um jeito de visitar o colégio. Mas quem que ia pagar a viagem para eu ir até aí? Fui falando com as editoras. A Érica foi mexendo mil pauzinhos, mobilizando Deus e o mundo. Lembro que teve uma tal de rifa até na escola. Sei que a gente conseguiu, fizemos o que fizemos e no fim fui convidada para ir. Nem lembro de onde surgiu o dinheiro direito, mas eu acho que acabei fazendo alguma palestra em algum lugar. A editora também ajudou pagando alguma coisa, acho que a passa-

gem (a feira literária do SESC convidou-a para uma palestra e a Editora Moderna ajudou também). Pois é, foi tudo bem arquitetado. Quando vi, deu tudo certo e fui. Mas o mais impressionante dessa história foi o poder de mobilização da escola inteira para fazer isso acontecer. Lembro que pintaram tudo de azul, decoraram uma escola inteira com referências às histórias dos livros. Os alunos fizeram uma super festa para me receber, foi uma coisa assim... foi o meu dia de princesa (risos)! Fiquei encantada com o trabalho que todos fizeram, foi realmente um carinho muito grande da escola e foi um desses encontros especiais, pelos livros terem mobilizado tanta energia assim. Depois de um ano ou dois, voltei para visitar a



Alunos e Índigo
Fonte: Acervo pessoal

escola e nunca me esqueço. Saiu um documentário com toda essa história junto com a universidade. Foi uma história linda. Fiquei com o maior carinho pelo João Gueno mesmo. Fizem camisetas! Tem uma foto linda também: todo mundo com a camiseta escrito “Índigo”. Ganhei uma caneca, nossa! Eu nunca fui tão mimada na vida!

Agora, principalmente durante a quarentena, tendo que ficar em casa, como está sendo o seu dia a dia como escritora?

ÍNDIGO: Olha, na verdade não mudou muito. Eu já trabalhava em casa direto, então isso realmente não mudou. Moro num sítio, por isso a minha frequência de ir para a cidade é uma coisa de duas vezes por semana, no máximo. Quando dava tudo certo, preferia ir só uma vez. No dia a dia, eu já não saía de casa. Nesse sentido fui poupada de toda a angústia da questão da claustrofobia mesmo, isso eu não senti na pele. Agora, claro que deu um medo assim de falar “Nossa, o que vai ser de tudo? Do mundo, das pessoas, das relações?” Passei por esse susto. Mas para mim, sempre que as coisas ficam muito difíceis, tenho uns surtos criativos. É como uma técnica de sobrevivência. Para mim, nes-



Érica e Índigo

Fonte: Acervo pessoal

sa quarentena descobri a habilidade de contar histórias. Resolvi escrever uma história por dia, logo no começo da quarentena. Cada história falando de uma situação de confinamento, sempre com animais. Escrevi várias delas e depois comecei a gravar vídeos contando-as. Isso é uma coisa que eu nunca tinha feito: gravar vídeos e colocá-los nas redes sociais. Aliás, eu achava que não tinha talento nenhum para isso. Achava o maior mico. Mas penso que na quarentena tem aquela coisa de “ah, eu não tenho nada a perder mesmo, vou fazer” e fui fazer como a maior “cara de pau”. Foi ficando super divertido, amei fazer e agora descobri que consigo contar histórias em vídeo também. Aprendi muito nesta

quarentena. Acho que aprendi a perder a vergonha de fazer vídeos, porque agora tem isso: tudo é por vídeo. Eu era bem discreta, e nossa, agora eu tô muito “cara de pau”. Então está sendo bom até para mim.

De onde vem tanta criatividade para a escrita dos seus livros?

ÍNDIGO: Isso é um grande mistério. De onde a gente tira ideias? Acho que elas basicamente são resultado de tudo o que a gente já viveu, de tudo o que a gente já leu. São os nossos relacionamentos, filmes que a gente viu. Tudo isso está dentro de nós. As ideias nunca vêm de fora, de olhar para um quadro. Acho que é de um lugar muito profundo, misterioso e inconsciente, e muitas pessoas se perguntam: “De onde vêm as ideias?” Acho que ninguém sabe responder isso. Mas eu sei, por exemplo, que

tenho que botar as palavras no papel. Começo a escrever qualquer coisa. Às vezes escrevo um monte de abobrinha antes de eu chegar na história. Só chego nela porque estou lá escrevendo, indo pra qualquer lado, até que lá pelas tantas a história naturalmente aparece, ou seja, a ideia vem do fazer. Você começa sem ideia nenhuma e ela vem. Se eu fosse esperar uma pra começar a escrever, juro que não teria escrito nada até hoje. Então eu começo a frio sempre.

O seu novo livro “Manias de família” foi escrito no período de isolamento social? Como foi a experiência de escrevê-lo?

ÍNDIGO: Esse livro foi interessante porque uma amiga me falou de uma editora que estava procurando livros novos e se eu teria alguma ideia. Falei que iria tentar alguma coisa por aqui e comecei com uma ideia que estava ficando bem ruim, bem nada a ver. Só que eu disse assim: “Vou desenvolver isso só porque falei que iria fazer e para honrar a minha palavra”. Continuei. E começou a ficar interessante a coisa. O que queria mesmo era fazer um livro que fosse um relatório de manias. Isso fui descobrindo no processo. A história é sobre um menino que percebe que todo mundo na família dele tem um monte de manias. Cada uma mais esquisita que a outra e ele mesmo não quer virar um adulto cheio de manias como os demais parentes dele. Ele começa a fazer esse relatório quase como

uma medida de prevenção. O livro é o próprio relatório. Consegui terminar e mandei para a editora e foi muito legal porque ela me respondeu depois de 24 horas. Na minha vida isso nunca tinha acontecido, uma editora responder rápido. Foi ótimo. Isso aconteceu bem no início da quarentena, até me deu um otimismo para enfrentá-la. Como é uma editora nova com a qual eu nunca tinha trabalhado, a gente nunca sabe como vai ser a relação, mas eles estão sendo ótimos e o livro realmente vai sair até o fim deste mês.

Qual foi a sua experiência em relação à produção do filme “Um pinguim tupiniquim”, fruto de um livro seu?

ÍNDIGO: Quando fui aí, no João Gueno, isso deve fazer uns sete anos já, eu estava trabalhando nesse roteiro. Ou seja, comecei a trabalhar no roteiro em 2013, né? Agora, neste ano, cheguei na décima quarta versão do roteiro, que é a versão que vai ser filmada e está num ponto em que a gente já está com 45 minutos do filme totalmente desenhado. Isso já progrediu bastante desde a última vez que fui aí. Já tem fala dos personagens, tem trilha sonora, tem um monte de coisa. A previsão é que ele fique pron-

to em 2023. Ou seja, desde que comecei a escrevê-lo até chegar nas telas do cinema, dá 10 anos! É um trabalho super artesanal, mas, sinceramente, estou achando lindo que seja esse ritmo lento, porque assim a gente tem condições de errar e aprender e ir melhorando. Se a gente tivesse feito esse filme, por exemplo, na quinta versão do roteiro, teria um monte de problemas, porque basicamente é isso, qualquer escrita de um livro, de um roteiro é um processo de ir lapidando o texto. Você tem que fazer, terminar e daí voltar. Ver tudo o que ficou ruim, refazer, e refazer, e refazer. Não existe um texto que fique bom de cara. Se existe, é porque a pessoa que está lendo não está com um critério muito elevado. É meio radical o que estou falando, mas é o que eu acredito.

Teve algum momento em que você estava escrevendo uma história e de repente “travou”, ficou meio “presa” e não conseguia seguir adiante? E como você fez para ter a inspiração de volta?

ÍNDIGO: Eu diria que basicamente toda semana isso acontece. É a coisa mais normal do mundo a gente travar no meio de um texto, não saber o que fazer com



aquilo. O que eu faço? Faço pesquisa. Vou pesquisar o assunto. Estou escrevendo a história de um casal de caramujos que mora no parque. E os dois estão tendo uma crise no casamento, o que é pura ficção. Você fala: "Nossa, o que que ela vai pesquisar sobre isso?". Vou ver imagens de caramujos, ler os hábitos deles, vou ver algum filme no YouTube sobre caramujos. É incrível como as ideias vêm. No caso, por esse casal estar passando por uma

crise, vou ver textos de psicologia falando sobre relacionamentos. É pesquisa. Toda vez que a gente trava, vai para pesquisa, porque daí destrava. É "batata", é a melhor fórmula.

No dia 31 de outubro, você postou, no seu blog, sobre ter "uma dívida com bruxa", referindo-se a ter cortado a personagem de uma bruxinha de seus livros. Existe a possibilidade de aquela bruxinha ser resgatada?

ÍNDIGO: Tem a possibilidade de ter um livro falando sobre, até porque eu tenho muitas anotações. O problema de trabalhar com bruxa é que é clichê. Preciso encontrar uma maneira interessante de fazer isso, mas acho que tenho que fazer porque é uma coisa que estou arrastando há tempos e ficar em dívida com uma bruxa não é muito bom. Inclusive, comecei um conto que já poderia ser o embrião dessa história. Então está no ar. Eu não sei, tem essa coisa de bruxas que, se a gente não faz, depois pode dar um revertério astral. Então é melhor eu fazer mesmo (risos).

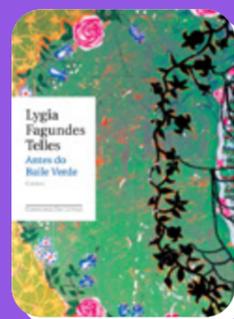


Com pleno sentimento de felicidade, dentro de um ano nada convencional, com êxito, conseguimos realizar a segunda edição da nossa incrível revista. Agradecendo especialmente a nossa admirada Índigo (Ana Cristina Ayer), que dispôs de um tempo para nos contar um pouco de sua caminhada como escritora, e, mesmo virtualmente, dentro de uma conversa inspiradora, não perdeu o seu carisma e simpatia.

Sugestões de leitura da Índigo:

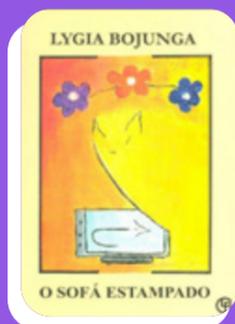
ANTES DO BAILE VERDE
LYGIA FAGUNDES TELLES

"Um livro de contos que os acho um mais incrível do que o outro!"

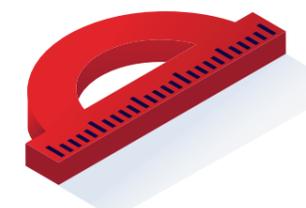


O SOFÁ ESTAMPADO
LYGIA BOJUNGA

"O que eu mais amo com certeza é o 'Sofá Estampado', esse assim é disparado o meu queridinho. O que esse livro tem de legal é que quando o li, acho que com uns 10 anos de idade, me apaixonei e foi só depois de adulta que voltei a lê-lo novamente. Isso foi no ano passado e gostei mais ainda! Então é um livro que realmente resiste à classificação etária."



Matemática da Transmissão.



Entenda como a continha de vezes explica o que é "crescimento exponencial" e "achamento da curva", termos tão falados durante a quarentena

Por:

Emanuelle de Freitas

Maria Constantino

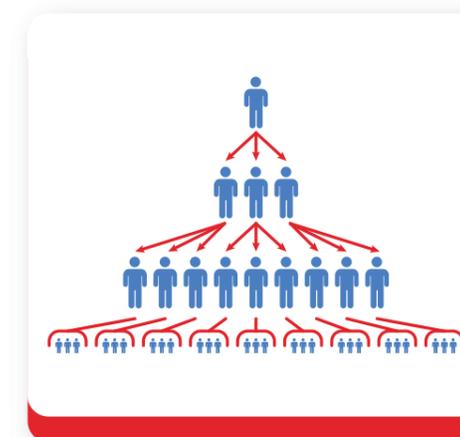
Milena dos Santos

Diante de todos os novos termos trazidos ao nosso cotidiano pela pandemia de Covid-19, causada pelo coronavírus, as pessoas acabam ficando confusas e não entendem os seus significados. Há duas expressões que aparecem com grande frequência e provocam diversas dúvidas: o crescimento exponencial e o achatamento da curva. Mas o que estes termos querem dizer de fato? Basta entender um pouco como funciona a matemática por trás deles para compreendê-los.

O crescimento exponencial, apesar de parecer complicado, é apenas uma multiplicação, aquela conhecida "continha de vezes" da escola. Quando utilizado para compreender a taxa de contágio de determinada doença, vemos no gráfico o número específico de casos sendo multiplicado diariamente por ele mesmo várias vezes. Dessa forma, há uma proximidade com a ideia de função linear, em que os números são somados e aparentam ser algo controlado.

Com o coronavírus, estima-se que

cada paciente é capaz de infectar entre 2 a 3 pessoas, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Supondo que o paciente zero, ou seja, a primeira pessoa a desenvolver a doença em um determinado lugar, transmita o vírus para três pessoas no primeiro dia, no segundo, esses três novos pacientes podem transmitir para outras nove pessoas. Por conta disso, esse número vai crescendo cada dia mais, como mostra o esquema abaixo.



Previsão de infectados
Fonte: Diretor Francis Silva

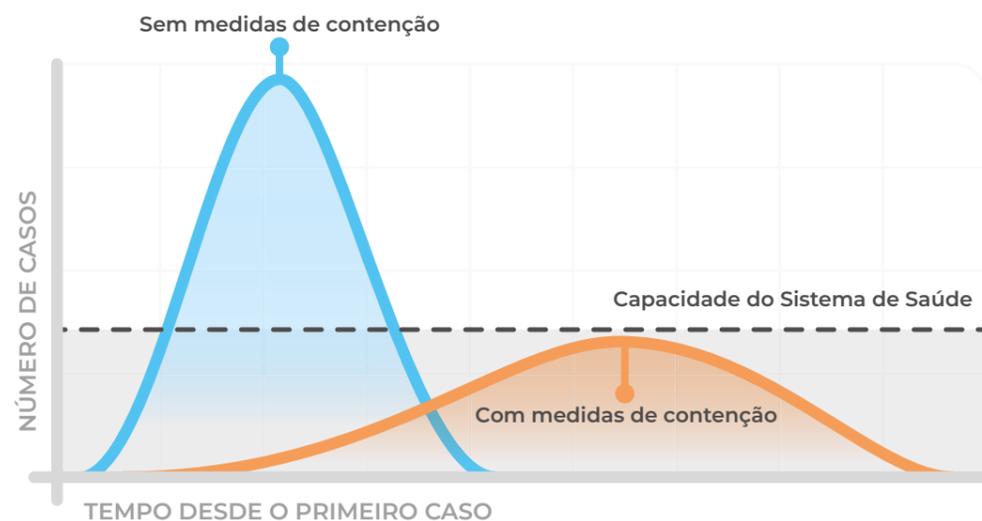


Logo, o achatamento da curva é quando, através do isolamento social e das medidas de prevenção e distanciamento, o número de casos de uma determinada doença é controlado, espalhando-se com menos força por um período maior de tempo. Assim, não há picos, ou seja, não há uma elevação muito grande nesses números e nem a

sobrecarga do sistema de saúde, pois menos pessoas estão simultaneamente doentes. É importante ressaltar que o achatamento da curva é diferente para cada país, dependendo da estrutura e da capacidade hospitalar oferecida à sua população. Confira o gráfico abaixo para observar como o achatamento funciona:



Achatamento da curva.



Fonte: Jornalista Visual Rosamund Pearce

o vocabulário Quarentener.

Os termos que estão na boca do povo desde o início da pandemia

Por:

Emanuelle Viana de Freitas

María Eduarda Constantino

Melissa Taverna

Milena Y. Dos Santos



O que é “Quarentener”? É aquele que passa por uma quarentena, obviamente. Brincadeiras à parte, além desta e outras gírias, foram inseridos em nosso cotidiano termos técnicos que antes eram praticamente restritos a pessoas especializadas na área de saúde. Conheça os principais termos que vieram para ficar:

A **achatar a curva** (*exp.*): **1.** Onde o número de aumento de casos de uma determinada doença se espalha com menos força por um período de tempo maior, porém sem picos; evitando a sobrecarga do sistema de saúde.

assintomático (*adj.*): **1.** Paciente portador de uma doença ou infecção que não apresenta sintomas.

auto-isolamento (*ação*): **1.** Paciente portador de uma doença ou infecção que não apresenta sintomas.

C **casos confirmados** (*exp.*): **1.** Indivíduo com confirmação laboratorial conclusiva para uma doença, independente de sinais e sintomas apresentados.

casos suspeitos (*exp.*): **1.** Quando uma pessoa apresenta sintomas de uma doença, mas não há a confirmação laboratorial da presença dela.

coronavírus (*subs.*): **1.** Família de vírus que causam infecções respiratórias.

COVID-19 (*subs.*): **1.** Sigla utilizada para se referir a doença causada pelo coronavírus.

cloroquina (*subs.*): **1.** Medicamento utilizado no tratamento e profilaxia da malária.

D **distanciamento social** (*ação*): **1.** Conjunto de estratégias para diminuir a interação entre pessoas de uma comunidade para controlar ou parar a velocidade de transmissão de doenças contagiosas.

E **EPIs** (*sigla*): **1.** Equipamentos de Proteção Individual. É qualquer produto ou dispositivo destinado à proteção contra ameaças à segurança e a saúde do indivíduo.

epidemia (*subs.*): **1.** Quando há um aumento do número de casos de uma doença acima do esperado e em várias regiões.

estado de calamidade (*situação*): **1.** Situação anormal fruto de algum tipo de desastre, em que a capacidade de ação do poder público municipal ou estadual fica seriamente comprometida e o Governo Federal deve intervir para ajudar.

endemia (*subs.*): **1.** Não está relacionada a uma questão quantitativa: é uma doença que se manifesta com frequência e somente em determinada região.

estado de emergência (*situação*): **1.** Não está relacionada a uma questão quantitativa: é uma doença que se manifesta com frequência e somente em determinada região.

G **grupo de risco** (*subs.*): **1.** Pessoas que têm uma maior chance de ter quadros graves da doença.

I **imunidade de rebanho** (*subs.*): **1.** Também conhecida como imunidade coletiva, é o conceito criado por imunologistas para calcular quantas pessoas numa população precisam estar imunes a um agente infeccioso para que ele não atinja indivíduos vulneráveis.

isolamento social (*ação*): **1.** Medida utilizada para separar as pessoas que estão doentes das que não estão doentes, a fim de evitar que o vírus ou a doença se espalhe.

L **lockdown** (*subs.*): **1.** Bloqueio total de uma região, em o cidadão não pode circular por áreas públicas.

M **máscara N95** (*subs.*): **1.** Máscara respiratória com filtro de partículas que atende ao padrão N95 da classificação de filtragem do ar.

ministério da saúde (*subs.*): **1.** Órgão do Poder Executivo Federal responsável pela organização e elaboração de planos e políticas públicas voltadas para a promoção, a prevenção e a assistência à saúde.

N **novo coronavírus** (*subs.*): **1.** Nova mutação da já existente família de vírus coronavírus.

O **OMS** (*sigla*): **1.** Organização Mundial da Saúde. Entidade que define padrões, fomenta a cooperação internacional e coordena respostas a emergências na área da saúde.

P **paciente zero** (*subs.*): **1.** Primeiro humano infectado por uma determinada doença viral ou bacteriana.

pandemia (*subs.*): **1.** Quando há um aumento do número de casos de uma doença acima do esperado e em vários países e continentes.

período de incubação (*subs.*): **1.** Intervalo de tempo entre a data de infecção pelo vírus até o início dos sintomas.

Q **quarentena** (*subs.*): **1.** Isolamento de indivíduos, lugares ou animais que podem ser propagadores de infecção, de acordo com o período de incubação de uma determinada doença.

R **respirador** (*subs.*): **1.** Aparelho para administração de respiração ou ventilação artificial ou mecânica.

S **SARS ou SRAG** (*subs.*): **1.** Síndrome Respiratória Aguda Grave. É uma pneumonia atípica grave.

Sars-CoV-2 (*subs.*): **1.** Vírus causador da pandemia do Covid-19.

surto (*subs.*): **1.** Quando há um aumento repentino do número de casos de uma doença em uma região específica.

T **taxa de letalidade** (*subs.*): **1.** Proporção entre o número de mortes por uma doença e o número total de doentes que sofrem dessa doença ao longo de um determinado período de tempo.

taxa de mortalidade (*subs.*): **1.** Expressa o número de mortes registradas em determinada população.

taxa de transmissão (*subs.*): **1.** Cálculo feito para medir a velocidade de transmissão do vírus.

telemedicina (*subs.*): **1.** Uso das tecnologias de informação e das telecomunicações para o fornecimento de informação e atenção médica a pacientes e outros profissionais de saúde situados em locais distantes.

teste RT-PCR (*subs.*): **1.** Procedimento feito em laboratório para encontrar a presença do coronavírus.

transmissão comunitária (*subs.*): **1.** Modalidade de circulação na qual as autoridades de saúde não conseguem mais rastrear o primeiro paciente que originou as cadeias de infecção, ou quando esta já envolve mais de cinco gerações de pessoas.

transmissão local (*subs.*): **1.** Quando as autoridades conseguem rastrear o caminho da infecção.

triagem (*subs.*): **1.** Processo pelo qual se determina a prioridade do tratamento de pacientes com base na gravidade do seu estado.

U **UTI** (*sigla*): **1.** Unidade de Terapia Intensiva ou Unidade de Tratamento Intenso.

V **vírus** (*subs.*): **1.** Organismos microscópicos que são causadores de várias doenças
ventilador pulmonar (*subs.*): **1.** Máquina utilizada em hospitais que ajuda o paciente a respirar.



Aulas à Distância.

Num momento de distanciamento social e múltiplas mudanças, os alunos e professores do João Gueno descobrem os desafios e inovações do ensino remoto.

Os resultados de todos os infográficos desta matéria foram coletados por meio de uma enquete. O questionário foi distribuído pelas plataformas "Google Classroom" e "Whatsapp". Os formulários tinham como objetivo coletar respostas das alunas(os), professoras(os) de demais funcionárias(os) da Escola Estadual João Gueno, C E-EF M.



Depoimento de André Luiz T. C. Darolt

Os primeiros dias de adaptação às aulas online foram bem difíceis. Era uma situação totalmente nova, não só para mim como para todos, mas aos poucos estamos nos ajustando com as novas orientações e formas de aprendizagem.

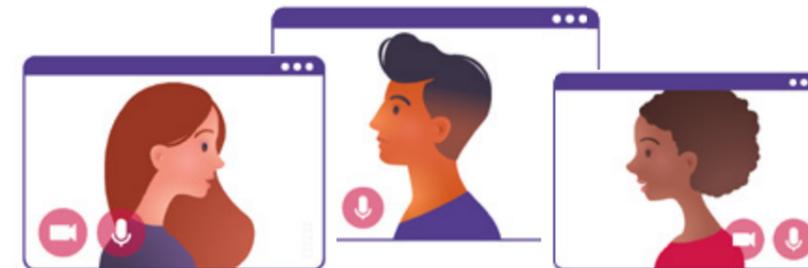
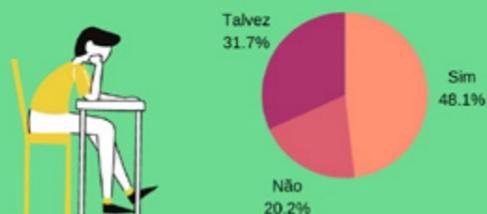
Existem também as situações de dificuldade que alguns colegas possuem para acessar o material e desenvolver as atividades. Eu mesmo demorei um pouco para entender como funcionava a plataforma do Classroom.

É complicado entender o conteúdo das aulas pelo EAD (Educação a distância), pois não podemos interagir com os professores nos momentos de dúvida. Temos que considerar também que o tempo das aulas é desgastante.

Depoimento de João Henrique Gueno

Eu prefiro muito mais as aulas presenciais ao EAD (Educação a distância). Parece ser mais fácil de entender com os professores e amigos por perto. Você tira as dúvidas de forma rápida, além de que, é melhor ter aulas com os professores que já conhecemos.

VOCÊ ACHA QUE SUA PRODUTIVIDADE ESCOLAR DIMINUIU COM O ENSINO A DISTÂNCIA?



Depoimento de Fabiane Polli Santos

Eu me lembro claramente do dia 29 de dezembro. Alguns dias antes da virada de ano, imaginei como seria o meu novo ano letivo. Eu iria me esforçar mais para tentar entrar em uma boa escola no ensino médio, teria boas notas, iria aproveitar o tempo com os meus amigos e desfrutaria das aulas dos meus professores.

De repente em março, num piscar de olhos, tudo mudou drasticamente. O mundo parou por causa da COVID-19 e por consequência as aulas presenciais também. Com tudo isso acontecendo surgiram as aulas a distância. No início, eu até achei interessante - às vezes estressante - por ser algo totalmente novo, mas pouco tempo depois apenas o estresse permaneceu.

As aulas são planejadas pelo Estado. Elas são tão desgastantes e tão longas... Imagina ter que ficar na frente de uma tela por 5 horas. Não é a mesma coisa do que estar numa sala de aula, onde você tem a interação com os professores e amigos. Está sendo mais difícil entender um conteúdo novo, eu não sei exatamente o porquê, mas está. É como se tudo o que aquele professor da tela falasse fizesse sentido, mas para mim não. É uma dificuldade minha. Isso vai de pessoa para pessoa, deve ter alguém que tem mais facilidade com essas aulas online, porém, com certeza não se compara a uma aula presencial.

Se alguém me falasse que estava sentindo falta da escola há alguns meses, eu o chamaria de louco, mas agora eu compreendo essa sensação de querer ver os professores e colegas novamente. Espero que dias melhores venham e que as aulas voltem logo.

Depoimento de Ana Luiza de Souza

Meu nome é Ana Luiza, tenho 15 anos e estou vivendo um dos anos mais confusos da humanidade.

Com a chegada da COVID-19 no país e no meu estado (Paraná), escolas, igrejas, comércios, entre outros, tiveram que ser fechados a fim de evitar aglomerações e a transmissão do corona.

Estou em quarentena desde março, tendo que realizar meus estudos em casa por EAD (Educação a distância), o que tem sido um desafio para mim. As coisas se desenrolaram de forma desordenada e eu fui me enrolando nas minhas obrigações. Só recentemente consegui estabelecer uma rotina boa para minha escola e curso. Estou bem agitada e ansiosa, contudo, estudo bastante todos os dias e me esforço para aprender. Em breve realizarei uma série de provas, para tentar aprovações em diferentes colégios e temo que meu esforço não me dê bons resultados.

Tenho muita saudade da escola, de alguns professores e principalmente de meus amigos. Acho que a esperança de todos é a volta às aulas em agosto (que eu não tenho certeza se realmente ocorrerá) e a vacina no final de setembro. Sigo firme com a esperança de que tudo vai melhorar.

ESTÁ CONTENTE COM O MÉTODO DE ENSINO A DISTÂNCIA?





Depoimento de Luana Napoleão Valdera

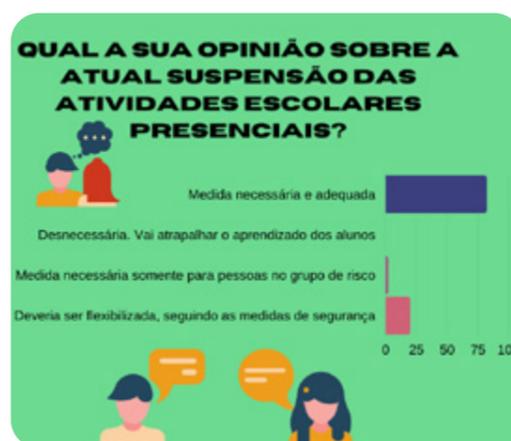
Me chamo Luana Napoleão Valdera, tenho 13 anos, sou estudante e estou em isolamento social desde março.

Tudo que eu tinha planejado para esse ano, como viajar, infelizmente não vai acontecer por conta da pandemia. Para prevenir a transmissão do novo vírus, o COVID-19, estou tendo aulas por EAD (Educação a distância) - por aplicativos, televisão, entre outros meios. No começo achei uma boa ideia, mas observando a condição de outras pessoas acabei mudando meu pensamento, pois vários alunos não têm acesso ao material.

Também não concordo com a duração das aulas. São 45 minutos, sem nenhum entretenimento; no colégio são 50 minutos mas com os colegas e professores, assim, se você tem alguma dúvida é só levantar a mão e perguntar, enquanto nas aulas remotas não, você esclarece suas dúvidas fazendo pesquisas e isso muitas vezes se torna entediante.

Eu já fiz várias coisas além de estudar: como assistir filmes, ler livros e jogar jogos de tabuleiro. Mesmo fazendo tudo isso, eu gostaria de sair...

Esse isolamento me fez refletir sobre muitas coisas, como por exemplo, não reclamar do que eu tenho e faço, pois um dia eu posso ficar sem. Eu reclamava do colégio e olha agora, tudo que eu mais queria era voltar para ele.



Depoimento de André Luiz T. C. Darolt

Pense positivo!

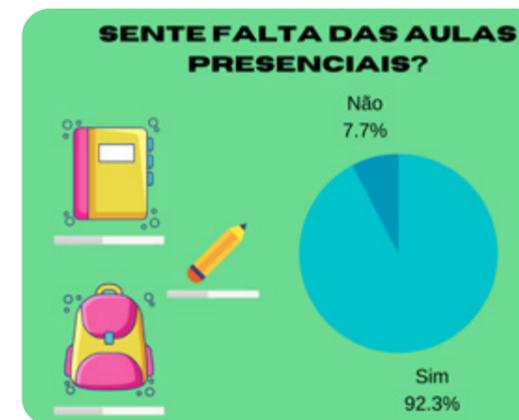
Nesse tempo em que estamos quarentenados percebi muitas críticas, feitas por estudantes, em relação às aulas online, sendo que estamos em meio a uma pandemia. Acho que essa não é a hora de fazer reclamações, não está sendo fácil para ninguém.

Ao pensar pelo lado positivo, percebi muitas vantagens das aulas online: flexibilidade nas datas de entrega e na rotina de estudos dos alunos, maior facilidade na busca por respostas e conteúdos na internet. No meu caso, gosto de um estudo mais individual, mas pelo conteúdo às vezes ser muito extenso, as chamadas com os amigos são muito bem-vindas.

Depoimento de Adilson Kevin

Aulas a distância? Não aprovo!

Nesse período de quarentena houve muita mudança no cotidiano dos estudantes, como o EAD (Educação a distância). Eu particularmente não gostei: achei cansativo, não tem aulas práticas, não tem a mesma interação que em uma sala de aula e é muito maçante. Muitos alunos não entendem a importância de realizar as atividades, muitos confiam em notícias falsas e com o aumento dessas fake news (notícias falsas) em relação ao período necessário de isolamento, alguns alunos acabam desistindo de acompanhar as aulas neste novo formato.



Depoimento de Érica Rodrigues
(Professora de Língua Portuguesa)

Com o decreto que suspendeu as aulas presenciais, a rede estadual entrou em recesso, antecipando “as férias de julho” em 20 de março de 2020. Ao término dessas duas semanas, já no início do mês de abril, fomos informados que, como medida de prevenção à disseminação da COVID, a partir de então as aulas aconteceriam de forma remota: por meio da TV, Youtube, aplicativo Aula Paraná e Google Classroom. Fiquei feliz pela possibilidade de se tentar manter a “escola funcionando”, mesmo em um formato que nenhum de nós imaginamos, desejamos e não para o qual também não nos preparamos. Por meio de buscas, tentativas, acertos, erros, lives e videochamadas estamos nos esforçando para organizar nosso tempo, nossa rotina, nossa sala de aula em meio a um contexto de tanta insegurança, em que precisamos nos distanciar para nos proteger. Não está sendo fácil. Sinto muita saudade da escola, do contato diário com colegas, dos meus alunos, do espaço da sala de aula e tudo que o constitui como algo tão especial: local de encontro, aprendizado, amizade, crescimento. Já são meses e ainda estamos nos adaptando a única forma segura e possível de manter neste tempo esse espaço da educação!

Como os alunos estão aproveitando seu tempo livre?

- COMECEI A FAZER CURSOS, ESTOU APRENDENDO A TOCAR GUITA E TAMBÉM ESTOU JOGANDO VIDEOGAME.
- EU ESTOU CONHECENDO MAIS CANAIS PELA INTERNET; AJUDANDO MAIS MEUS PAIS, JÁ QUE ANTES OS HORÁRIO NÃO COINCIDIAM; ESTOU OUVINDO E CONHECENDO NOVAS MÚSICAS E, APROVEITANDO MAIS A PRESEÇA DA MINHA FAMÍLIA.
- APRENDENDO INGLÊS E LIBRAS, ME EXERCITANDO E FAZENDO OUTRAS COISAS QUE ANTES EU NÃO TINHA TEMPO.
- NÃO TEM ME SOBADO TEMPO LIVRE JÁ QUE SOU TERCEIRANISTA, POIS A SEED MANDA UMA CARGA ENORME DE ATIVIDADES QUE DIFICULTAM A CONCILIAÇÃO ENTRE ESTES E OS ESTUDOS PARA O ENEM.
- FORA AS HORAS DE ESTUDO, NO MEU TEMPO LIVRE COSTUMO LER LIVROS, ASSISTIR SÉRIADOS, DOCUMENTÁRIOS E ACOMPANHAR AS NOTÍCIAS NO JORNAL.
- USO MAIS O CELULAR, AJUDO A MINHA MÃE E MEU AVÔ E, ÀS VEZES, PROCURO APRENDER ALGO ALÉM DA GRADE CURRICULAR.
- ASSISTO, ANDO DE BICICLETA E JOGO BOLA
- AJUDO MINHA MÃE NA CONFEITARIA

Os resultados deste infográfico foram coletados através de uma enquete de opinião. O questionário foi distribuído pelas plataformas: Google Classroom e Whatsapp. Os formulários tinham como objetivo a coleta de respostas dos seguintes públicos: Alunos, professores e demais funcionários da Escola Estadual João Gueno, C E-EF M

João Gueno em Tempos de Pandemia.

Colégio Estadual João Gueno
Fonte: @joaogueno (Facebook)

Além das videochamadas: os trâmites do João Gueno para manter a educação funcionando durante a pandemia

Vanessa Cotrim, vice-diretora do Colégio Estadual João Gueno, fala das dificuldades de adaptação ao novo método de ensino e aprendizado: “A princípio todos nós, incluindo os alunos, tivemos dificuldades por conta da novidade, pois se tratava de um sistema novo e que ninguém conhecia. Porém, acredito que as coisas estão caminhando bem com relação aos alunos que estão acessando a plataforma classroom, mesmo os que só começaram agora”. Ela também relata que a maior dificuldade dos alunos é em relação a organização em casa, mas agora as coisas já estão bem encaminhadas e os alunos que estão mais tranquilos são aqueles que seguem uma rotina de estudos.

Com relação à rotina no

período de quarentena da escola, Cotrim, que é uma das responsáveis por essa organização, fala sobre a necessidade de criar escalas de trabalho para direção, secretaria e limpeza. “Eu e o Francis (diretor do colégio) criamos escalas de revezamento: as meninas da secretaria geralmente vão na terça-feira para organizar as atividades que serão entregues aos professores e também combinamos alguns dias para as meninas da limpeza arrumarem as salas e o pátio”. Ela ainda menciona que alguns alunos não têm ido atrás das atividades e consequentemente tiveram que acionar o conselho tutelar para entrar em contato com essas famílias.

Sobre os pais, a vice-diretora conta que a maior dificuldade é a de ajudar seus filhos com o conteúdo

passado nas aulas. Também existe uma minoria de pais que infelizmente não estão levando a sério esse período, mas mesmo assim ela reforça a importância dos alunos estarem participando de alguma forma das atividades escolares.

Vanessa também é uma das responsáveis pela entrega do Kit alimento no colégio e sobre isso relata: “os pais foram bem compreensivos a partir do momento em que usar máscara virou uma norma estadual. 99% dos responsáveis foram bem bacanas em relação a isso e a única coisa que deixou a desejar foi a questão do horário, pois muitos aparecem aqui em cima da hora e isso atrasa todo nosso trabalho”. Ela ainda acrescenta que eles estão recebendo um retorno positivo com relação ao respeito às regras.

Para Maria Marli de Oliveira Coradin, secretária do Colégio Estadual João Gueno, a pandemia virou o dia-a-dia e a rotina de pernas para o ar. A mudança de hábitos foi rápida e em entrevista ela relata: “O que mais me incomoda é ter que ficar em isolamento sem poder visitar parentes e amigos”.

Coradin conta que a maior dificuldade no ofí-

cio é ter que trabalhar com medo do contato, já que não é possível saber se quem entra pelo portão do colégio pode estar contaminado ou não. “Ter que atender as pessoas com distanciamento é muito triste”, desabafa.

A secretária acredita que as aulas online (videoaulas) possibilitam ao aluno uma flexibilidade para estudar em um horário e local adequado. Caso o aluno não

tenha entendido a matéria, poderá assistir as aulas quantas vezes forem necessárias.

Sobre o pós-pandemia, Maria relata: “Podemos esperar por mudanças em todos os sentidos. No quesito educação, a escola não será mais a mesma. A tendência é que a tecnologia incorpore as rotinas escolares de diversas formas, como uma aliada ao processo cognitivo”.

Por:

Victoria Avila

Adilson Kevin

Jociane da Silva, também conhecida como Tia Jo, é funcionária do Colégio Estadual João Gueno há 10 anos, exercendo a função de agente educacional I e sendo responsável pela alimentação dos alunos. Assim como muitos brasileiros, ela também teve sua rotina alterada com o decreto da pandemia no mês de março.

Antes da suspensão das aulas presenciais, Jociane trabalhava de segunda a sexta-feira. “Eu tinha uma rotina diária: chegava às sete horas da manhã, fazia o atendimento no portão e depois ia para a cozinha, onde preparava a refeição

dos alunos”, relata a funcionária. Com a nova rotina, ela deixou de frequentar o colégio todos os dias e passou a ir somente uma vez na semana, para realizar a entrega do leite.

A entrega do leite faz parte do PROGRAMA LEITE DAS CRIANÇAS, que tem por objetivo auxiliar o combate à desnutrição infantil. Essa entrega é feita nas segundas, quartas e sextas-feiras. “Uma de nossas funcionárias é do grupo de risco, então ela está afastada das atividades. Cada funcionária fica responsável por um dia de entrega e eu sou a responsável por organizar os dias de cada uma”, Jociane explica.

A entrega do leite é feita no mesmo dia em que o colégio os recebe, seguindo as normas de segurança da pandemia (uso de máscara, luvas, álcool em gel e demarcação de distanciamento no chão). Tia Jo comenta que mesmo com a Pandemia o número de favorecidos da entrega do leite não aumentou. “Não houve aumento em relação ao número de crianças beneficiárias do programa, mas várias das mães que antes faltavam na entrega, agora não faltam mais”. Nesse mesmo dia também, é feita a entrega dos kits alimentícios para os pais dos alunos beneficiários do bolsa família.

Por:

André Luiz T. C. Darolt

João Henrique Gueno

Por:

Victoria Avila

Adilson Kevin

Segundo Francis Eder Ribeiro da Silva, diretor do Colégio Estadual João Gueno, é necessário se acostumar com as novas mudanças na forma de ensino, já que agora a aula presencial está suspensa e ainda não há uma data prevista para o retorno da mesma. “Ainda estamos nos adaptando como esquema de aula online, pois a cada semana recebemos uma nova orientação”, diz ele.

A Francis e outros funcionários estão indo para o colégio três vezes na semana: segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira, das 9:00 às 10:30 da manhã. Eles recebem alimentos e fazem

a doação para os alunos cujo os pais são beneficiários do bolsa família. Também fazem entrega do leite, organizam a parte administrativa do colégio e compram produtos de limpeza. “Estamos mantendo o máximo de cuidado possível, usando álcool em gel a todo momento, a máscara que é de uso obrigatório e o distanciamento necessário”, diz o diretor.

Francis relata que as redes sociais ajudam muito com o repasse de informações aos pais. Aqueles que não tem acesso à internet, podem comparecer ao colégio nos dias de funcionamento, tomando as precauções necessárias. “Tenho receio em sair de casa. Eu

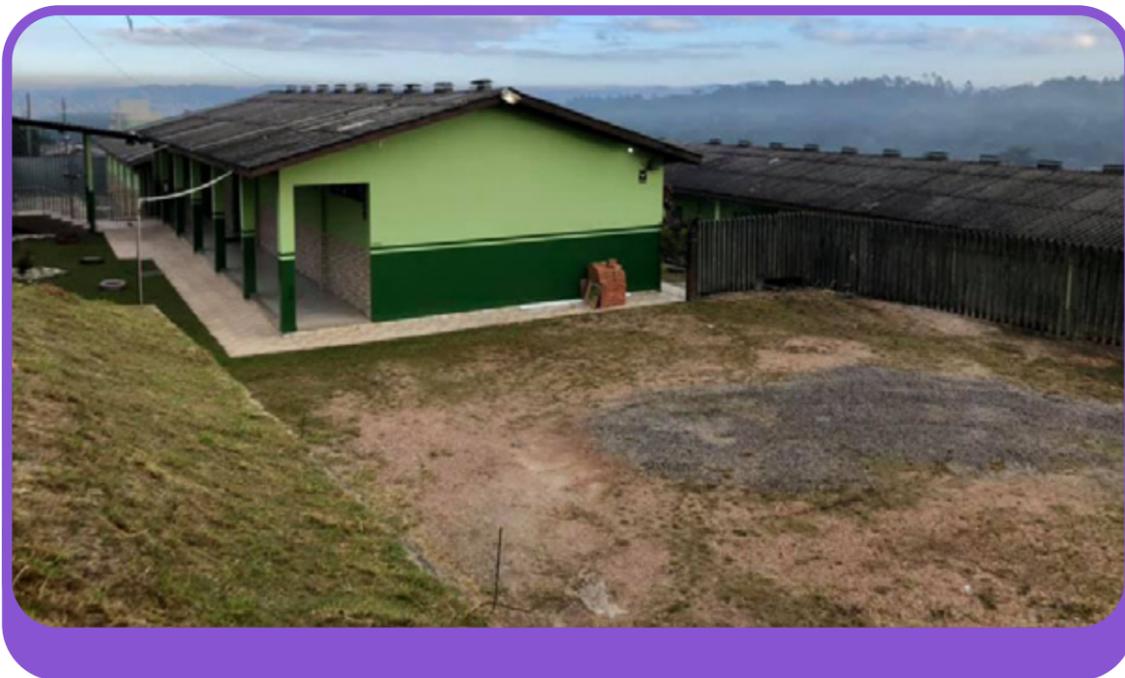
estou me cuidando, mas não sei se o outro ao meu lado está. Alguns pais chegam no colégio descumprindo a orientação do uso das máscaras e quando peço para que coloquem, ficam bravos. Esta é uma questão de segurança, se eu não me cuidar posso levar algo para minha casa e minha família”, desabafa o diretor.

Ele ainda conta que o maior desafio é fazer com que os alunos entendam esse processo e que se dediquem as lições, pois muitos acham que o momento é de férias. Junto a isso, outra dificuldade é fazer com que as famílias incentivem seus filhos a fazerem as atividades propostas.

Por:

Fabiane Polli Santos

Luana Napoleão Valdera



Colégio Estadual João Gueno
Fonte: @joaogueno (Facebook)

Retratos do Nono Ano.

Alunos do nono ano contam um pouco sobre o que enfrentaram ao concluir o Ensino Fundamental em um ano de pandemia.



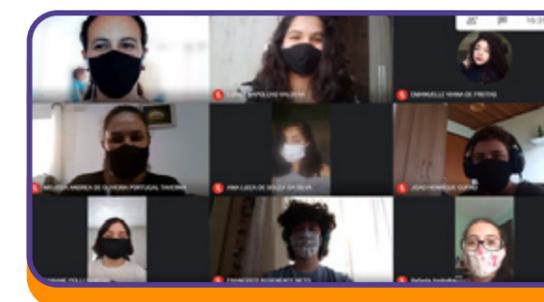
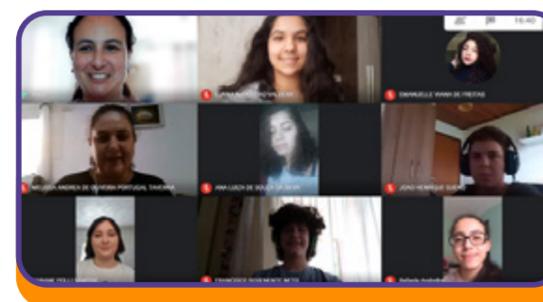
Memórias...

2020 vai entrar para a história: pandemia, isolamento social, aulas remotas. Mas para nós, do nono ano do Colégio Estadual João Gueno, ainda há outro motivo para lembrarmos deste ano: es-

tamos concluindo o Ensino Fundamental, isso nos faz recordar de tudo que vivemos na escola.

Ele ainda conta que o maior desafio é fazer com que os alunos entendam

esse processo e que se dediquem as lições, pois muitos acham que o momento é de férias. Junto a isso, outra dificuldade é fazer com que as famílias incentivem seus filhos a fazerem as atividades propostas.



Por:

Luana Napoleão Valdera

María Eduarda Freitas

Covid.

Em dezembro do ano de 2019, surgiram na China os primeiros indícios do Covid-19. A situação se agravou no início de 2020, deixando países sob alerta, inclusive o Bra-

sil. O país já contava com alguns casos da doença em fevereiro, mas em seguida, eles cresceram incontrolavelmente. Aos poucos, cada estado brasileiro entrava em quarentena obrigatória, de-

vido aos surtos e a ocupação de todos os leitos dos hospitais.

No Paraná, no mês de março, segundo o site “Bem Paraná”: “O decreto 4.301/20





emitido nesta quinta-feira (19) pelo Governo do Estado determina o fechamento de shopping centers e estabelecimentos congêneres, além de academias e centros de ginástica, mas não inclui lojas de ruas e petshops. A medida vale por prazo indeterminado e é mais um esforço para evitar a propagação do novo coronavírus no Paraná. Também foi decretado o fechamento das escolas públicas e privadas em todo o estado a partir do dia 20/03/2020. Com isso a rotina de várias pessoas mudou drasticamente.

Apesar dos esforços, as medidas restritivas do isolamento social acabaram não evitando a propagação do vírus. Em entrevista, duas alunas do 9º ano, falaram um pouco da experiência de haver familiares

com o vírus e de estarem sob suspeita. Emanuelle Viana de Freitas, disse: “no início, fiquei com medo dos sintomas mais graves aparecerem”, e que estava sempre torcendo para que toda a situação passasse logo. Já Maria Eduarda Freitas comentou sobre os sintomas que ela e a família tiveram: “não tivemos nenhum sintoma durante nosso período de quarentena, apenas no último dia tivemos febre. Não sentíamos o gosto de nenhum alimento e sentimos fortes dores de cabeça”. Ambas as alunas e seus familiares não tiveram maiores complicações durante o período em que estavam isolados.

Em entrevista, a enfermeira Cristiani Rocha que trabalha no Hospital Ônix Mateus Leme, relatou que houveram muitos casos de Covid-19, inclusive de funcionários. Cristiani disse: “fiquei com muito medo no começo da pandemia, até

pensei em sair de casa até tudo isso passar. Mas com o tempo aprendi a lidar com toda a situação e os EPIs [Equipamentos de Proteção Individual]”. Comentou também que ninguém da família pegou o Covid-19, apenas colegas de trabalho. A enfermeira deu algumas orientações sobre o que fazer caso pessoas que morem na mesma casa testem positivo: “A pessoa deve ser isolada em um cômodo e todas as coisas que ela usar também”, orienta Rocha. Além disso, o paciente deverá permanecer isolado durante 14 dias.

Outra pergunta feita foi se há algum modo de saber se o coronavírus já não está mais em contato com o corpo/ organismo: “Uma vez testando positivo para covid-19, sempre aparecerá em exame que você já teve contato com o vírus... porém, não estará ativo causando dano ao organismo.”, explicou a enfermeira.

Por

Emanuelle Viana de Freitas

Maria Eduarda Freitas

Saúde Mental...

A pandemia não só afetou os nossos hábitos como também trouxe malefícios para a saúde mental de

todos. Conversamos com a doutora em psicologia Virgínia Lemos Leal Newton para sabermos mais sobre os impactos que o coro-

navírus trouxe aos jovens e adolescentes. Listamos alguns deles para você:



Relações Familiares:

Preocupações com a segurança da família, o risco de infecção, de perder alguém. Isso gera um medo, uma sensação de estar ameaçado, que somando com as preocupações financeiras se tornam inseguranças significativas. Essa visão imprevisível do futuro só dificulta a aceitação da realidade e demanda uma nova reorganização.

Espaço:

Antes da pandemia todos tinham um lugar específico para estudar e participar das aulas. A princípio, era um ambiente de acolhimento, desafios e aprendizagem, mas, de repente, tudo mudou. Agora estamos em casa, onde podem surgir dificuldades relacionadas ao espaço de estudo e formas de lidar com a tecnologia. Há também questionamentos sobre seu próprio aprendiza-

do, justamente por não ter um professor por perto o que, querendo ou não, é um bom motivador.

Outro fator de impacto é a convivência entre pais e filhos em casa, seja em uma relação de trabalho ou de aprendizagem. Isso pode ser complicado, porque alguns podem estar em atrito com os responsáveis e sofrendo pela falta de privacidade.

Sono:

Um fator importante que reflete na nossa saúde mental é o sono. Ele tem sido muito afetado nesse momento de maior estresse, atenção e permanência na tela do celular e do computador. Essa maior fissura acaba causando um estímulo visual e cere-

bral intenso e algumas pessoas estão sofrendo com isso. Elas podem estar com dificuldades de pegar no sono e dormindo de forma mais agitada. Isso vai se refletir no cansaço, na ansiedade e até mesmo no agravamento de um quadro de estresse ou

depressão. Mas como podemos cuidar do nosso sono? Diminuindo o tempo de tela e evitando utilizar perto do horário de dormir. Tentando algum ritual para melhorar o sono (como por exemplo a meditação), tomando banho sempre morno.



Vício:

Os vícios - sejam eles de celular, TV, comida ou de certos hábitos - nesse momento em que as pessoas tendem a ficar mais em casa, podem se intensificar. O que é um fator de impacto com o qual temos que ter muito cuidado, como há menos coisas para disputar nossa atenção no dia a dia, a tendência é optar por o que é mais fácil. Os vícios, podem ser prejudiciais à saúde tanto física quanto mental.

Carinho e Empatia:

Com esse período difícil, muitos sentimentos vieram à tona, como a irritabilidade, a frustração e a tristeza, em relação a nós mesmos ou a pessoas próximas. Isso faz parte desse momento, então o carinho, a aceitação e a paciência têm sido requisitados. A saúde vem sendo testada para que sejamos mais flexíveis e para que nos adaptemos criativamente às necessidades. Com a situação atual, é necessário que sejamos mais empáticos em relação aos outros e a nós mesmos. Desenvolvendo assim, mais paciência e autonomia.



É TEMPO DE CUIDAR DA SAÚDE MENTAL
Fonte: midiaesaude.com.br

Por: **Fabiane Polli Santos**

Esportes.

De acordo com alunos e professores do C.E João Gueno que praticavam alguma modalidade de esporte ou atividade física, houve algumas mudanças em seus treinos durante o período da quarentena, pois as academias ficaram um bom tempo fechadas.

Mas eles deram um jeito... O aluno Lucas Giroto, do 9º ano A, faz jiu-jitsu brasileiro e comenta: "Nós montamos o tatame em casa e não temos nenhum professor ou uma pessoa mais graduada para estar passando uma técnica nova... Claro que podemos procurar no YouTube, mas

se a gente errar a técnica temos que ter uma pessoa para corrigir". O aluno Jorge Henrique Colere Cordeiro, do 9º ano A, faz atletismo, mas como o esporte é em um local aberto ele não teve muito problema com isso: "Eu pratico ali no Bosque da Uva, então é mais ar livre, campo" comenta.

A professora de Educação Física e diretora auxiliar Vanessa Cotrim Rojas faz atividades físicas duas vezes por semana em casa, e diz: "Como eu trabalhava já com a ginástica, acabei adaptando aqui pro espaço que eu tenho, que é um espacinho assim bem pequenininho". Além disso, comenta: "Como eu faço tênis, não vejo que é um es-



Em casa, Vanessa consegue treinar e passar mais tempo com sua filha Isabel

porte muito perigoso e daí a gente retornou também com as aulas". Já a professora de educação física, Patricia Thomas, realiza alongamentos e caminhadas ao redor de casa, e diz: "Bem diferente da rotina que tinha antes da pandemia".

Em relação às aulas gravadas com exercícios físicos

para incentivar os alunos, Patricia Thomas comenta: "vem para suprir uma necessidade que se fez devido a pandemia", e reforça também que qualquer atividade física é melhor que nenhuma. Vanessa diz que tem dois pontos de vista sobre o assunto: "se o professor passa um exercício em que não tenha muito perigo de o aluno se machucar, eu acho super legal. Tem umas brincadeiras que são bem bacanas". Mas relata que devido a questões posturais, existem exercícios em que há o risco de o aluno acabar machucado, o que pode acarretar em problemas maiores depois. A professora acrescenta: "Se ele [exercício físico] for direcionado para idade, para aquele público, eu não vejo problemas, o importante é não ficar parado".

Apesar de estarem na mesma dificuldade (quarentena), todos eles encontraram meios de praticar o seu esporte. Dando voltas ao redor da casa, como a Patrícia, ou vendo aulas no youtube, como o Lucas. O importante é que não desistiram e têm esperança de que tudo vai voltar ao normal.



Por: **Emanuelle Viana de Freitas**

Luana Napoleão Valdera

Lucas Giroto

Mudanças.

Em meio a todas as mudanças relacionadas ao final do ensino fundamental e início do ensino médio, além de todo o caos vivenciado em 2020 devido à pandemia de COVID-19, os estudantes passam por um turbilhão

de pensamentos e receios sobre o futuro. Muitos estão passando por transições de colégio para que possam se preparar melhor para desafios futuros, como ENEM e Vestibular e, com isso, seguir para um futuro economicamente estável. Estabilidade

essa que pode ser abalada nos anos futuros por conta dos atuais problemas nacionais e globais.

Entre os alunos que estão se preparando para mudar de colégio está Ana Luiza, 15 anos, que estuda e faz cur-



so preparatório para realizar testes de seleção para alguns colégios. Porém, com a pandemia, seus estudos tiveram uma grande mudança: o curso passou de ensino presencial para ensino a distância (EAD), prejudicando sua aprendizagem, já que assim como a maioria dos estudantes, ela não estava habituada ao EAD. O que pode influenciar diretamente em seu desem-

penho na realização de suas provas.

Além da mudança de colégio existe também a mudança de ambiente, que causa as modificações nos hábitos escolares e sociais. Podendo gerar graves complicações para os adolescentes, por provocar alterações bruscas em suas vidas, de forma que ocasione problemas como ansiedade, introversão e em casos extremos, depressão.

Todas as mudanças que ocorrem durante a adolescência têm um peso grande para a vida adulta, mesmo que a princípio tenham sido feitas por motivos bons, os resultados podem ser danosos. Com isso em mente, adolescentes tendem a ficar ansiosos e aflitos com o futuro e o resultado de suas escolhas. O futuro é incerto, cabe a nós, estudantes, apenas torcer para que as nossas escolhas tenham os resultados desejados.

Por:

Ana Luiza de Souza

Gustavo Gregorio

Expectativas e planos para 2021.

Para o próximo ano, cada um dos estudantes pretende fazer algo diferente, tanto arrumar um emprego, quanto fazer a própria rotina de estudos.

O aluno João Henrique Gueno, do 9º ano A, diz que mudará de colégio em busca de melhores condições para o seu futuro. Comenta que escolheu outro colégio, "Lá tem curso técnico e um deles é de meio ambiente, que eu gosto muito". Ele diz também que não continuará no João Gueno porque não há um curso ou ensino diferente, "Não que não seja bom, é um

ótimo colégio, mas um técnico ajuda muito no futuro". Relata que sentirá falta dos amigos e das festas do Gueno.

Em outra perspectiva, temos o estudante Pedro

Henrique Natal do 9º ano B. Com 15 anos, diz que pretende trabalhar para ajudar os pais em casa. "Pretendo ser menor aprendiz em uma empresa ou supermercado", comenta também que essa



8º ano B no último dia de aula em 2019.

será a primeira vez em que trabalhará. Questionado sobre como pretende distribuir seu tempo entre o trabalho e os estudos, o jovem diz: "creio que vou trabalhar de tarde e estudar à noite".

Apesar de seguirmos caminhos diferentes, não nos esqueceremos dos momentos que passamos juntos, bons ou ruins. Lembraremos de nossas ami-

zades, professores, piadas ruins, festas de aniversário e até do lanche da cantina (no caso de alguns). Por fim, o ensino fundamental, juntamente com o 9º ano, foi mais uma de muitas etapas concluídas de nossas vidas, que

será lembrada com muito orgulho, diversão e carinho. Afinal, nós conseguimos!



Dia do lançamento do livro de crônicas "O meu, o seu, o nosso São Dimas" escrito pelos alunos do João Gueno em 2019.

Por:

Emanuelle Viana de Freitas

Luana Napoleão Valdera

Jornada extensa, era o que pensava
 Mas já estou encerrando
 Qual a próxima batalha?
 Emprego? Conquista?
 O que fazer da minha vida?
 Crescer, amadurecer
 Consequentemente envelhecer
 Um período após o outro
 Está se fechando para outro início
 Essa é a vida, esse é o ciclo
 Desistir ou continuar?
 Será que há opção?
 Tenho mesmo escolha?
 Quem diz sim ou não?
 Temos objetivo?
 Escolhemos nosso caminho?
 Em uma mente cheia de dúvidas
 Talvez estejamos evoluindo...

-Ana Luiza

Ilustrações.

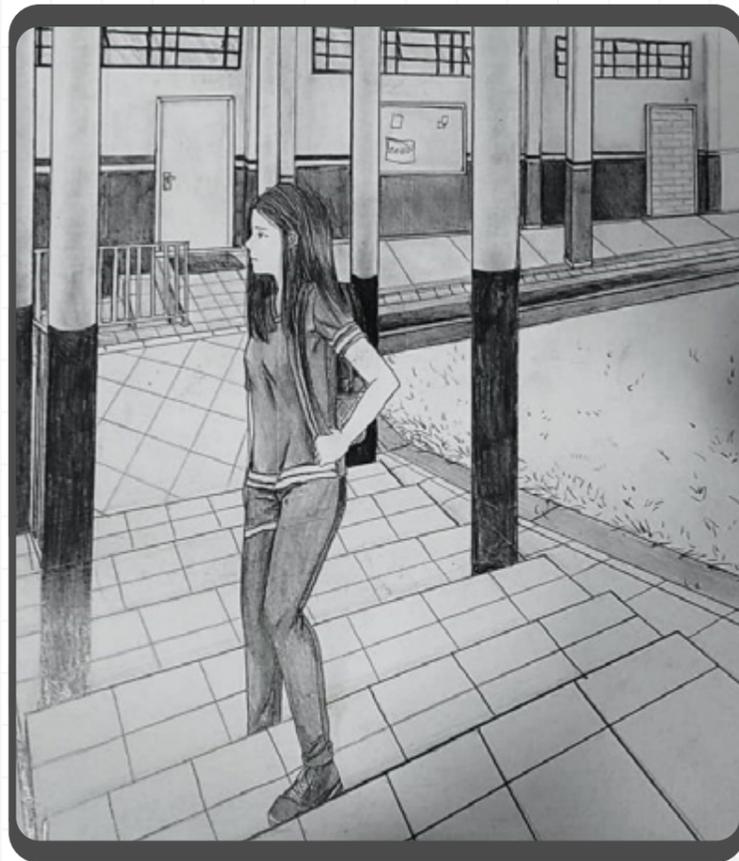
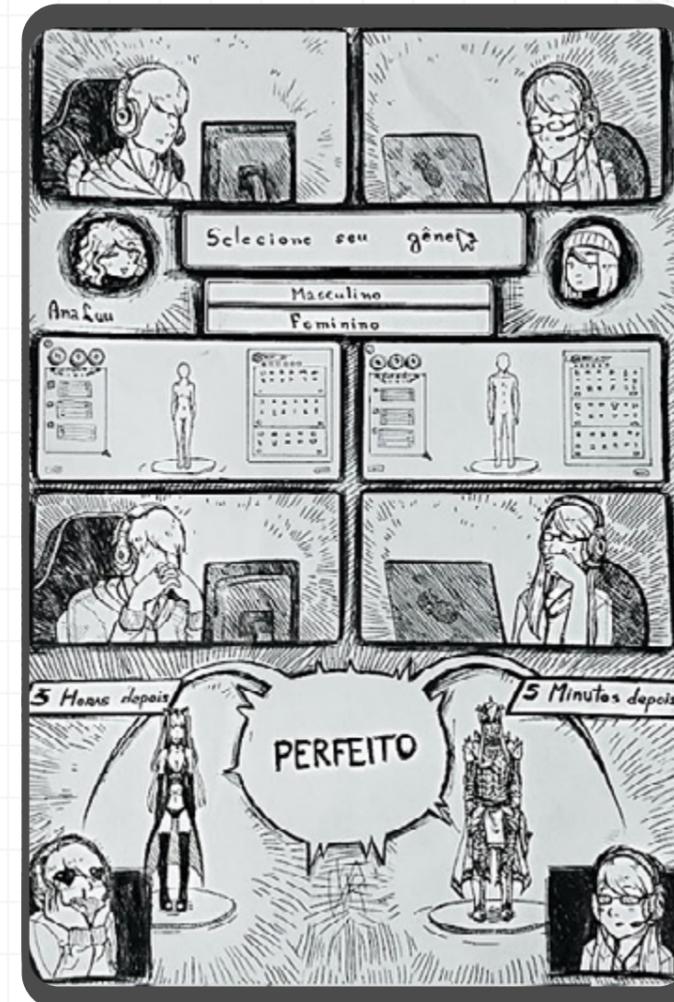


Ilustração de capa
Por: Ana Luiza de Souza



Tirinha
Por: Ana Luiza de Souza
e Gustavo Luiz Gregório



Charge
Por: André Luiz T. C. Darolt e
João Henrique Gueno



Charge
Por: Lucas Giroto



Prêmios e Conquistas.

- Em 2017, foi o único colégio de Colombo a atingir a meta estabelecida pelo **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)**;
- Reforma** de salas, nova pintura, cadeiras e mesas e instalação de televisores novos;
- Primeiro lugar na **competição municipal de xadrez**;
- Nova cancha**;
- Certificado de participação e honra ao mérito em **Astronomia e Matemática**;
- Parceria** com a Universidade Federal do Paraná (UFPR);
- Produção do **blog**;
- Produção de **livros de crônicas**;
- Algumas autoras do livro "Pés no chão: o São Dimas que vivemos" (2018) são vencedoras do 1º Concurso de Crônicas da Biblioteca Municipal de Colombo, na Categoria Infantojuvenil:
 - 1º Lugar:** Geovanna Chan Simão - Bairro Paloma - Crônica "Lembrança"
 - 2º Lugar:** Ana Carolina Floriano da Silva - Bairro Paloma - Crônica "A Última Conversa"
 - 3º Lugar:** Maria Eduarda de Lima - Bairro São Dimas - Crônica "Maria"
 - 4º Lugar:** Natacha de Freitas Ponijoliki - Bairro São Dimas - Crônica "Meu antigo lar"
- Prêmio Nacional **Viva Leitura**, em 2014;
- Premiação no 2º Concurso da Biblioteca Municipal de Colombo, na categoria Poesia (2019):
 - 1º lugar:** Ana Luisa de Souza da Silva - Poema "Lua Escura"



Gueno News
bit.ly/guenonews



Site do NCEP
bit.ly/ncepufpr



Leitura de Crônicas | YouTube
bit.ly/lytcronicas



Livro "O meu, o seu, o nosso São Dimas"
bit.ly/livrosaodimas



Leitura Além dos Muros
bit.ly/leituraalemdosmuros



Crônicas | Janelas Abertas
bit.ly/cronicasgueno



Linha do Tempo.

Por:

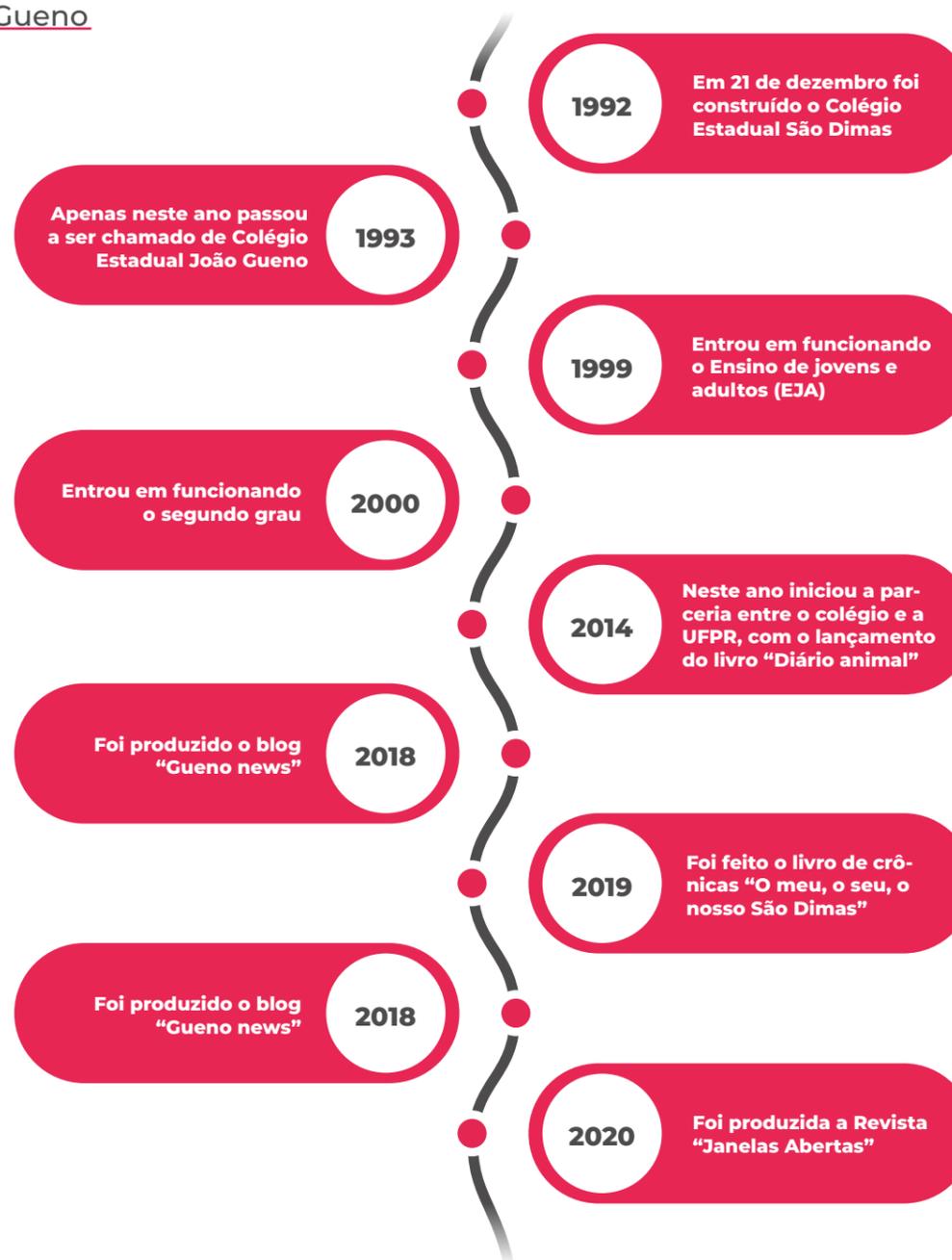
Adilson Kevin

André Luiz T. C. Darolt

João Henrique Gueno

Lucas Giroto

Colégio Estadual
João Gueno



A mulher de grande inspiração e admiração, de sonhos e realizações.



Lúcia Peixoto Cherem
Fonte: Acervo pessoal

Conheça um pouco mais sobre Lúcia Peixoto Cherem e a grandiosidade de sua carreira

Por:

Emanuelle Viana de Freitas

Francisco Rosenente Neto

Milena Y. Dos Santos

No brilho dos olhos ela mostra o amor pela literatura e pelas línguas. **Lúcia Cherem** foi a convidada desta edição para batermos um papo sobre sua carreira, projetos e vermos um exemplo incrível dos benefícios de se dedicar àquilo que gostamos.

Quantas línguas você fala?

Lúcia: Desde cedo me interessei pelo francês por causa das minhas vizinhas (de infância). Depois estudei um pouco de inglês. Sei me virar no inglês, mas não falo tão bem quanto francês. E hoje estudo italiano por paixão. Adoro! Gosto da sonoridade e estudo com uma professora ótima. Leio muito em italiano e o bom de ler muito na língua, é que você não precisa falar bem para conseguir ler. Lendo, você vai aprendendo e melhorando na fala.

Por que tanto interesse em línguas estrangeiras, em outras culturas?

Lúcia: Me interessei porque era muito tímida. Quando precisava falar em público (na adolescência), pensava: “Meu Deus”. Entrava em

pânico no começo, gaguejava, tinha problemas de autoestima, de identidade. E a língua estrangeira funciona como um teatro, né? Como se você tivesse uma outra personalidade. Então em francês eu era muito menos tímida do que em português. E assim fui me estruturando na língua estrangeira. Hoje eu falo em público sem problemas em português.

Como foi a sua experiência de aprendizagem?

Lúcia: Como se fosse um treino, um processo de maturação. Quando você tem problema de identidade com a sua própria língua ou alguma vergonha de falar em público. Então fui para a língua estrangeira, gosto de falar, é um jeito de esquecer um pouco as angústias, né?

Como você decidiu seguir pela carreira que seguiu?

Lúcia: Não me imaginava como professora de português. Entrei na faculdade no curso de Jornalismo; fiz por um ano, mas não me achei. Primeiro que quase não tínhamos aula, era um curso muito desorganizado no final dos anos setenta. Me sentia muito insegura (com o aprendizado). Resolvi fazer o vestibular de Letras e precisei me decidir, porque não é permitido fazer dois cursos na Universidade Federal. Fiquei muito fascinada por Letras e senti uma diferença, acabei abandonando o Jornalismo e achei o que estava procurando: mais solidez e conteúdo. Em Letras tínhamos muita coisa pra ler, me apaixonei pela linguística e pela literatura. Passei a ser professora de francês enquanto era estudante na universidade e, ao acabar o curso, consegui uma bolsa do governo francês. Fui para a França fazer uma especialização, um curso de formação de professores de francês, e resolvi ao mesmo tempo fazer uma Maîtrise. Acabei passando quatro anos em Paris, fiz a especialização e essa Maîtrise em literatura infanto-juvenil comparada, executei uma comparação entre os contos brasileiros na época da ditadura. Na época da ditadura, havia muita repressão (ao que poderia ser escrito), mas eles esqueceram da literatura infantil: havia uma porção de contos que falam de poder e as pessoas não

prestavam atenção. Traduzi para o francês os textos, era uma reatualização de contos tradicionais europeus no momento crítico da ditadura brasileira. Consegui terminar a Maîtrise e comecei o doutorado, mas era muito difícil lá, porque era preciso trabalhar e estudar e eu não consegui; acabei voltando pro Brasil em 87. Fui trabalhar numa editora francesa que se instalou em Curitiba, logo em seguida tive meu primeiro filho, era muito difícil trabalhar nessa editora, porque eu precisava viajar muito pela América Latina. Aí apareceu a oportunidade de um concurso na Universidade, foram mais de 30 anos, entrei na Universidade em 92 e saí em 2019, foram muitos anos aí (risos), de trabalho como professora.

Você disse que foi meio difícil morar em Paris, como foi morar num lugar longe de casa?

Lúcia: Não tinha muitos amigos franceses, é uma coisa meio separada, eles veem a gente como colonizado, né? Por exemplo, eu trabalhava de babá, me lembro que a mulher dizia pra mim, “Você fica lá no quarto das crianças”, daí (a mãe) chamava a menina e

a garota levava para mim um pãozinho com um go-linho de vinho, “A mamãe mandou pra você”, então eu senti toda essa questão da discriminação, de ser de outro continente, considerado mais pobre. Eles tinham medo, as meninas me abraçavam bastante, a gente tem esse jeito brasileiro de querer ser próximo, quando eu chegava a menor pulava no meu pescoço e aí a mais velha dizia “A mamãe já disse pra você não beijar ela” (risos). Então era muito chocante, mas na verdade, essas coisas também acontecem no Brasil, por aqui tem muito preconceito contra os negros, contra os índios, contra..., e eu sentia isso, entende?

Como você foi recebida no país estrangeiro?

Lúcia: Não é muito fácil, ainda bem que tinha uma amiga lá, que era bolsista já fazia um ano e ela me recebeu. No começo fiquei morando um com ela e depois consegui um quarto numa residência universitária.

Como foi lidar com a saudade?

Lúcia: Não tinha internet. Ficava esperando o carteiro, quando ele vinha eu dizia “Meu Deus será que ele

Saiba mais sobre a Lúcia Cherem:

bit.ly/lattesdalucia



tem algum envelope verde amarelinho?” (risos), porque eu já via na mão dele se tinha carta pra mim. Então as cartas eram uma loucura, eu ficava um tempão sem falar com a minha família, os telefonemas eram caros; era bem angustiante, no começo e depois. Foi como eu realmente me senti latino-americana, porque tinha colegas na universidade, argentinas, uruguaias, paraguaios, colombianos e a gente era muito unido; assim, na Europa, eu senti o quanto o Brasil é ligado aos seus vizinhos. Nunca tinha estudado espanhol, mas a gente se compreende, então tinha toda uma ligação e isso foi muito forte. Ficamos muitos mais ligados ao país quando a gente tá fora, procuramos outros brasileiros e latino-americanos.

O que te atraiu na literatura de Clarice Lispector?

Lúcia: Eu lia muito Clarice. Como uma espécie de auto ajuda, de ajuda psicológica mesmo. Por incrível que pareça, tem gente que foge da Clarice como o diabo da cruz, acham que ela é difícil, que desestabiliza. Para outras pessoas não, ela alimenta, porque o que faz é mostrar a sua própria fragilidade quando escreve. Ela disse uma vez: “Eu não vou

conseguir, escrever é muito difícil, a escrita é o resultado de um fracasso”, tudo o que a gente sente, entende? O fracasso diante da página, de não conseguir escrever direito, ela fala sobre essas coisas. Ela expõe o próprio processo de escrita, não esconde nada. E isso é fascinante, alguém que colocasse de maneira tão nua seu processo de escrita. Ela faz isso sem medo, ela é muito corajosa como escritora, porque não é fácil, não é uma escrita para passar o tempo, não é uma escrita para divertir. É uma escrita que bota o dedo na ferida, é uma escrita que faz você pensar sobre a sua vida, sobre o seu sofrimento, sobre como é passar por eles, como enfrentar esses momentos difíceis.

E por que a escolha de suas obras para ter como tese em seu doutorado?

Lúcia: Sempre tive essa ligação muito forte com a literatura dela. E eu queria escrever sobre algo que fosse importante pra mim. Não queria fazer só uma coisa teórica, uma tese. Não, eu queria falar sobre uma coisa que fosse vital para mim. Também tinha medo de ficar pelo caminho, pois uma tese de doutorado é um desafio, ao

pegar um tema que realmente me interesse, me fez não ficar na metade e ir até o fim. Consegui fazer com muita paixão, (me realizei) queria fazer uma coisa pela qual eu fosse apaixonada. Uma literatura que realmente me tocou muito e que me acompanha.



As duas Clarices entre a Europa e a América
Lúcia Peixoto Chereim

Quando você começou a gostar dos contos da Clarice?

Lúcia: Olha, foi bem cedo. Me lembro que tinha uns 14 ou 15 anos quando descobri os contos, me assustei com aquela literatura que parecia que estava falando sobre mim. É incrível porque a Clarice, é considerada uma escritora difícil por muita gente, mas os adolescentes têm uma facilidade incrível de entrar no texto dela. É uma conexão que se faz meio intuitivamente. É uma coisa impressionante. Sempre li muito a Clarice, foram con-

tos que me marcaram muito. E a literatura dela sempre ajudou muito a enfrentar a minha própria solidão, a incompreensão de problemas da minha família, e assim me refugiava na em seus livros para poder entender o meu processo de maturação. Acho que a adolescência é sempre uma fase bastante complexa, em que passamos de uma fase para outra, é muito instável, e ela toca muito (nos sentimentos), ela tem outros contos que falam de personagens adolescentes. Então ela aborda assuntos assim, de instabilidade, por isso acho que muitos adultos não gostam de ler Clarice. Sentem um pouco de medo, porque ela toca em assuntos que desestabilizam a gente. Mas ela me ajudou muito, sempre me identifiquei com a Clarice. Então, resolvi fazer o meu doutorado sobre a recepção da Clarice na França.

Como você se sente ao saber que ajudou a criar a Associação de leitura da Ler.com e incentivou o projeto que nós temos hoje no João Gueno?

Lúcia: O projeto no João Gueno só acontece porque a gente tem parcerias, porque as pessoas também querem trabalhar. Fomos até a escola e tivemos uma abertura total, tanto da Érica (Professora de Português) quanto da direção, que permitiu o trabalho de diálogo, é esse diálogo que faz as coisas avançarem. E a



Fonte: Acervo pessoal

Ler.com era um sonho antigo, porque durante a minha carreira nos anos 90, participei muito de encontros sobre leitura.

Como o Salão do Livro entrou na sua vida?

Lúcia: Em 2019, fui convidada para uma mesa redonda pela Secretaria do Estado da Cultura e mais o Instituto Dom Miguel, eles fizeram um grande encontro sobre questões de leitura

(na atualidade). Estava junto com uma professora de Minas Gerais, a Rosana Montalverne e o professor José Castilho, que tem uma ONG também, sobre leitura. Eu tinha convidado uma pessoa da Associação Francesa de Leitura, eles (a organização) queriam um nome internacional, e convidei a Cristine Razet. Ela veio fazer a abertura, só que disse pra mim: “Quero ver o que tá acontecendo,

você fica me traduzindo o encontro pra eu saber como é esta a questão da leitura”, e a Cristine me alertou para uma questão interessante. Como a nossa cultura é muito oral, ela viu muitas oficinas, por exemplo, que a pessoa chegava com um livro, e em vez de ler o livro pros alunos, de fazer ler e depois discutir, ela fazia teatro, em cima do livro, cantava uma música, entende? E a Cristine: “Mas cadê o texto? Quando é que as crianças, que os alunos vão ler o texto?”, eles vão ficar só tendo uma visão terceirizada? Passando por alguém, e não tendo um texto nas mãos. A Cristine me deu o toque, e disse: “Olha, na França a gente faz um salão do livro, que tem uma relação com as escolas”, e foi isso que me chamou atenção. Não é ir lá e comprar livro, chegar lá e só ir ver aquela montanha de coisa colorida, “Ai, eu fui no salão do livro”, não. Tentei montar com ela, o Instituto Dom Miguel e a Fundação Cultural de Curitiba, um salão que levasse em conta essa relação do livro com a escola, com o autor, e no final o salão. Mas com o objetivo já organizado, ou seja, você não vai chegar lá e levar as crianças só para ler os livros, eles já vão ter lido, discutido, conhecido

os autores. E isso forma uma rede muito mais sólida. Não é só o livro como um objeto bonito, que vai ser comprado, é algo mais trabalhoso, requer conexão entre a escola, com as crianças, com os autores, e o salão vai ser uma espécie de finalização do processo, e não o início do processo. Então, dá muito trabalho porque você tem que integrar vários setores. As editoras que doaram os livros, os autores, os professores, os alunos e o salão em si que vai ser organizado lá no memorial da cidade. E além disso tudo, nosso objetivo era envolver as escolas da periferia. A gente sabe que na região metropolitana tem muito mais carência de biblioteca, as das escolas são menos renovadas. Houve muito corte na compra de livros no MEC, então sabemos dessa dificuldade. Por isso queremos uma ligação com as escolas da região metropolitana, principalmente. Não que as escolas do centro não possam vir, elas virão pro salão, mas o trabalho de conexão e de receber autores vai ser na região metropolitana. Essa é a nossa preocupação, porque sabemos que é mais difícil dos alunos se deslocarem, virem até às livrarias (do centro), então (com

o Salão do Livro) vai haver uma relação mais próxima com o livro. É uma questão de oportunidade, se você coloca esses livros na mão dos adolescentes, eles vão ler. Não tem esse negócio de ficar falando mal da escola pública, que o nível é ruim: é só abrir as portas, dar os livros pras pessoas. Não há família, trabalhador que não queira que o seu filho se eduque. Não existe isso. Quer dizer, se você tiver os canais, você vai usar, é uma questão de dar os canais e permitir que as pessoas tenham acesso. É muito mais simples. Percebemos com os alunos do João Gueno. Desde que tenha o empenho, de fazer essa transformação interna na escola, de dar os canais, de abrir os acessos, para que os alunos dominem esse poder que tá na linguagem. Aprendendo, retrabalhando e se tornando os autores, escritores e pensadores da sua própria realidade.

Como você pretende continuar seus projetos após a pandemia?

Lúcia: Não sei, tudo vai depender (da conversa), pois temos que nos reunir com o pessoal da ler.com porque cada um tem uma coordenação. Eu, por exemplo, trabalho na seção leitura e letramento, então são vários projetos que as pessoas podem ir lançando. Mas no momento estamos sem perspectiva, porque enquanto não podemos nos reunir poderíamos começar o projeto de cursos (on-line), mas ainda

não temos tempo de transformar em cursos a distância. Porém eu espero que ela continue, pois nós criamos ela para as novas gerações, não para mim, que já estou com 60 anos. Ele tem o objetivo de resolver um problema de conexão, que está sendo muito difícil, pois tudo está muito individualizado, muito no seu Facebook, no seu Instagram, no seu WhatsApp, parece que falta uma ligação! Isso é uma mudança complexa na humanidade.

Que impactos a educação pode ter com este período de isolamento social?

Lúcia: Não sei mais como a coisa está ocorrendo, pois eu estou

aposentada. Não tenho que dar aulas à distância. As minhas colegas estão lá, preparando aula, montando vídeo, desesperadas porque têm que dar as disciplinas e tal. Acho que neste período a gente devia aproveitar para fazer outras coisas dentro de casa, com os pais, fazer um tipo de escola como os indígenas fazem, vão pescar junto com os filhos, vão cozinhar junto com os filhos, fazer cerâmica junto com os filhos, seria uma oportunidade de você ter um aprendizado de vida, costurar, cozinhar, sabe?

Fazer mais coisas práticas e poder passar saberes que são tradicionais, que são da família, histórias familiares. Acho que a gente tinha que tentar um outro tipo de educação neste período, porque a educação formal neste período está muito prejudicada. Então deveríamos ter uma relação mais próxima com as crianças e com os adolescentes, fazer coisas juntos, ensinar, fazer os ensinamentos da casa. Não insistir tanto na educação formal, mas sei que tem o problema do ENEM, tem o vestibular. Eu estou falando isso mais para as crianças.

Sugestão de leitura da Lúcia:



A LEGIÃO ESTRANGEIRA
CLARICE LISPECTOR

É a história de uma escritora, que acorda tarde, e escreve assim, ainda com roupão, toma café, fica diante da máquina, que deve ser a própria Clarice. Só que ela tem uma vizinha, que é uma menina toda arrumadinha, que bate na porta e pede para entrar, é a Ofélia. E a Ofélia não entende aquela mulher estranha, porque na casa dela é tudo certinho, tudo organizado, né, tudo tem horário, ela está sempre arrumada, impecável. Então ela faz críticas a essa mulher. Aí ela, por exemplo, vai na geladeira, “você comprou verduras demais, vai estragar”. E ela dizia. Batata Na quinta já tinha coisa estragada na geladeira. É uma inversão. É como se a menina tivesse mostrando coisas para a adulta, para esta escritora. Até que um dia ocorre

um fato inusitado. Esta escritora comprou perto da Páscoa um pintinho para os filhos. E aí esta menina chega e diz “eu estou escutando um barulho estranho na cozinha, o que é?”. “Ah, é o pintinho que eu comprei para os meus filhos.” “Um PINTINHO”. E aquele pintinho desorganiza a vida da menina. E aí eu não vou contar mais nada senão perde a graça, vocês têm que ler este conto que é maravilhoso, tá? É uma inversão. É uma menina que está perdendo a infância e recupera com a ajuda de um adulto. É um conto muito bonito que eu recomendo para vocês. Agora eu lembrei bem da história. Eu confundi porque tinha a história do animal, do pintinho e o outro é da macaquinha. Está no mesmo livro. Vocês vão achar lá, tá bom (risos).



Jociane da Silva
Fonte: Acervo pessoal

Para além da Tia Jo.

Por

Gabriela de Menezes Cortellete Magnani

Jucimara Maria Pires

Sempre com um sorriso no rosto e muita simpatia, Jociane da Silva, a **tia Jo**, conversou conosco sobre sua trajetória de vida. Nascida e criada no bairro de São Dimas, em Colombo, teve uma infância tranquila. Morava em uma casa com um terreno grande cheio de árvores frutíferas. Costumava brincar bastante, mas sozinha, pois seu irmão é nove anos mais velho. Guarda com carinho e saudade as ótimas lembranças desse tempo, seu pai fazendo churrasco aos domingos com maionese e refri gasosa.



Fonte: Acervo pessoal

Depois que se casou, aos 17 anos, sentia-se muito sozinha, pois seu marido estava sempre trabalhan-

do, então, decidiu engravidar. Tem um relacionamento muito próximo com sua primeira filha, Greice, hoje com 21 anos. Quando era pequena sonhava em ter uma irmã, realizou o sonho quando teve sua filha: “ela cuida mais de mim do que eu dela”, diz em tom de brincadeira. Greice queria muito uma irmã, mas o que ela conseguiu foi um irmão, Rafael veio cinco anos depois. Para Jo “o amor é igual”.

Se mudou apenas uma vez. Foi para o bairro CIC (Curitiba), quando Greice ainda era bebê. O CIC era outro mundo, as pessoas não eram muito simpáticas e ninguém conversava. Como não gostou da vizinhança, ficou lá apenas por um ano, resolveu voltar ao São Dimas, onde está até hoje.

Gosta muito de bichos e queria um que ficasse com ela o tempo todo igual a um filho. Por isso, comprou uma cachorrinha, a Kyara, uma Lhasa Apso que hoje tem 6 anos, as duas estavam juntas durante nossa entrevista. “Meus três filhos são o mais importante”, diz, incluindo a cachorrinha em seu coração de mãe.

Ao falar dos momentos decisivos de sua vida, ela relembra a recente separação após 22 anos de casamento. Foram anos pensando, seus filhos crescendo e observando sua vida meio sem graça. Para ela esse foi um momento muito bom, foi quando se encontrou. Antes vivia em função do marido, hoje ela faz por si mesma.

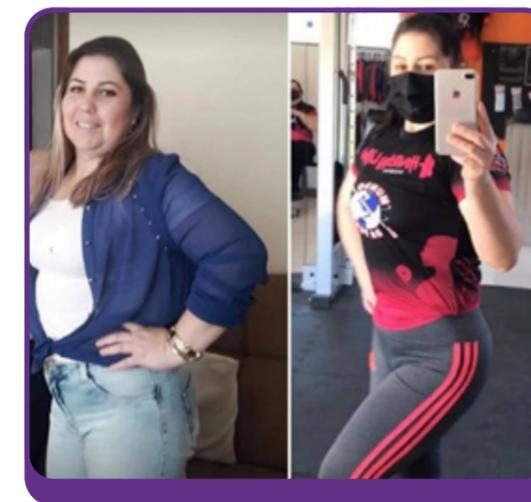
A academia faz parte de sua vida, tanto que já estava vestida para o treino durante a conversa. Teve uma fase em que começou a ficar doente, seus hormônios estavam desregulados, tinha gordura no fígado e chegou a achar que estava grávida, porém descobriu que era hipotireoidismo. “A água bateu na bunda”, disse ela, ou entrava pra academia ou ficava doente. A partir disso, mudou a alimentação e começou a praticar exercícios físicos todos os dias. Foi emagrecendo e se tornou fitness: “Me sinto muito melhor”.

Há 10 anos no Colégio Estadual João Gueno, não se vê trabalhando em outro lugar. Ela ama

o que faz e é extremamente competente em seu trabalho. Apaixonada por esse ambiente escolar, acredita que existe união e amor e que não há distinção entre os professores e os demais funcionários.

Um momento marcante em sua trajetória no colégio, foi ser homenageada durante a aula da professora Miriane. Os alunos aos quais ela chama de “minhas crianças” ou ainda “meus filhinhos” fizeram um vídeo sobre sua vida. Ela achou muito lindo e guarda com carinho o cd até hoje.

Seu filho Rafael a considera “uma guerreira que não desiste dos seus sonhos”. E, muitos destes, ela já realizou. Fez faculdade de pedagogia - queria muito segurar o canudo de formatura e chacoalhar-, foi mãe, emagreceu. Mas ainda tem alguns sonhos para realizar: quer trabalhar na secretaria da escola, mesmo dizendo que só sai da cozinha se for por concur-

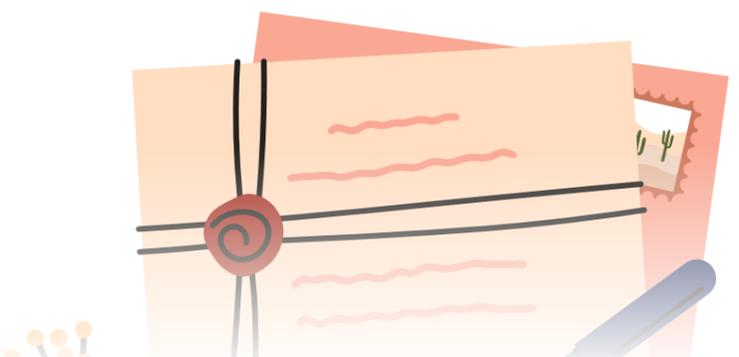


Fonte: Acervo pessoal

so; quer andar em todos os meios de transporte, segundo ela “agora só falta o avião”; também quer um carro próprio.

Não tem muitos medos, diz ser muito abusada e faz as coisas mesmo com receio de dar errado, porém, o que tira seu sossego é aranha. Para se divertir gosta de passear no shopping e ir ao cinema com os filhos, sobre isso ainda nos deu uma dica: “Nada de comprar pipoca! Vai na Americanas e compra balinhas Fini e guloseimas, seu bolso agradece”.

No futuro, ela se vê “melhor ou pior, depende do ponto de vista”. Se imagina baladeira, mais fitness, curtindo a vida e com seus filhos independentes.



Querida Tia.



“Tia” Marilena

Fonte: Acervo pessoal

Por:

Ana Luiza de Souza

Gustavo Luiz Gregório

Milena Y. Dos Santos



Aos 64 anos uma senhora alegre, carismática e dona de um olhar doce e responsável, possui uma das maiores responsabilidades no Colégio Estadual João Gueno: alimentar os estudantes, professores e funcionários. Queridinha por todos, Marilena Daluz Cordeiro Gaspar, ou como é conhecida, “tia” Marilena, é uma das encarregadas na função da cozinha - tarefa que desempenha com muito amor. Conquista muitos admiradores que apreciam, dia após dia, o belíssimo resultado de seu trabalho. Trabalho esse que, aliás, já executa há 25 anos dentro do colégio.

Quando pequena, morou em um sítio na cidade de São Miguel, ao norte. Ela adorava morar no interior, onde brincava muito e também ajudava nos trabalhos da roça. Sua escola era longe de casa e, por isso, tinha que caminhar bastante para poder estudar. Apesar de tudo, ela gostava muito de ir à escola, pois lá conseguia encontrar suas colegas que moravam longe de sua casa.

Mesmo sendo uma pessoa doce, Marilena tinha problemas para se relacionar com seus colegas. Era

muito desconfiada e não se dava bem com algumas pessoas. Considerava os meninos barulhentos, algo que a incomodava. Além disso, eles não concordavam com a possibilidade de meninas poderem estudar e trabalhar e isso a deixava desconfortável e irritada. Gostava mais das meninas, mas não de todas, já que algumas a excluía de seus grupos apenas por terem melhores condições de vida.

Sua família era bem conservadora. Seu pai e irmãos trabalhavam na

Querida Tia...

roça e não aceitavam que ela continuasse estudando. Queriam que ela ficasse em casa, cuidando dos afazeres domésticos. Sua mãe, ao contrário, apoiava seus estudos e a incentivava a continuar. Na sua juventude pensou em ser astróloga. Sentia-se atraída pela astrologia e se interessava pelo assunto, porém, conforme crescia, esse sonho foi se afastando e se tornando cada vez mais uma fantasia de sua adolescência.

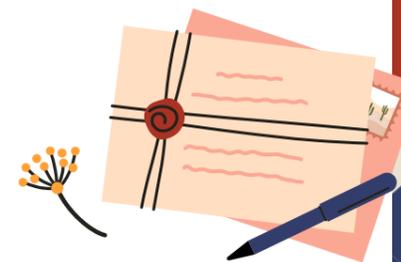
Em 1974 sua família vendeu o sítio, o mesmo no qual ela cresceu e viveu até os 18 anos. Decidiram então se mudar para a área urbana. Na cidade, conheceu uma professora que dava aulas em uma escola particular. Foi lá onde Marilena começou a trabalhar e, logo, começou a gostar da escola e do ambiente - quem sabe não tenha vindo daí seu carinho pelo Gueno.

Seu trabalho atual, no Colégio Estadual João Gueno, começou antes mesmo de ser contratada: ela já frequentava a escola e ajudava no preparo das refeições. Com o tempo foi admitida. No começo ficou um pouco assustada com a diretora, que era bem exigente, entretanto isso não impediu que tivessem uma boa relação. Hoje a tia Marilena já passou por 4 diretores diferentes e, com o tempo, seu local de trabalho dentro do colégio foi mudando. Apesar da mudança do ambiente ter tornado o preparo dos alimentos mais fácil, ela sente falta do espaço que tinha, no local onde agora é o laboratório do

colégio. “Eu gostaria de um espaço maior, tanto para os alunos quanto para melhorar o meu trabalho. Fora isso, gosto muito de trabalhar na escola e sinto um carinho por todos os alunos e colegas”.

Nesse longo período em que esteve no Gueno, tia Marilena teve momentos bons e ruins. Se entristece ao recordar o falecimento de uma professora, querida por todos. Contudo, ela agradece pela situação da escola ter melhorado. “Houve um momento em que chegaram a roubar a merenda, mesmo assim, nunca faltou comida para os alunos. A diretora da época sempre dava um jeito e comprava o alimento do dia”, relata Marilena. Ela se lembra com carinho do dia em que fizeram cachorro-quente para os alunos noturnos do EJA (Educação para Jovens e Adultos) - ver a felicidade deles ao receber o agrado foi algo que não teve preço e alegrou muito nossa querida Tia.

No momento Marilena está afastada do colégio devido à pandemia da COVID-19. Ela usa seu tempo para ficar em casa com a família: seu marido (com quem é casada há 40 anos), seu casal de filhos, e suas 3 netas, por quem tem um imenso amor e carinho. Ela sente falta da escola e não vê a hora de tudo voltar ao normal. Já nós, também lamentamos, já que não podemos mais provar suas deliciosas refeições todos os dias.

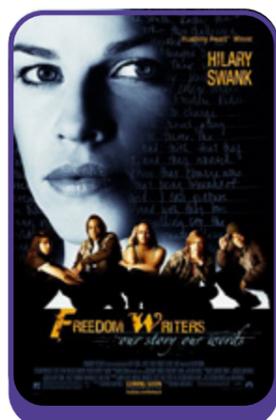




Se Liga nas Telinhas!



Conheça o filme favorito de cada aluno e aproveite as dicas para estourar pipoca e ligar a TV!



ESCRITORES DA LIBERDADE (2007)

O filme fala como a chegada da professora Erin Gruwell pode mudar os seus alunos e como eles começam a confiar uns nos outros, tornando a sala 203 a sua família.

Escritores da Liberdade (Freedom Writers) é um filme baseado em fatos reais. Sua história começa com a recém formada Erin Gruwell (Hilary Swenk) iniciando a carreira como professora em Long Beach (Los Angeles). A história se passa por volta do ano de 1992, época que haviam muitas gangues e violência na região, movidos, principalmente, pela tensão racial.

Recepcionada em uma realidade totalmente diferente daquela que imaginava, Gruwell encontra um universo preconceituoso, no qual os educadores não têm pensamentos liberais e justos sobre os alunos. Uma escola sem leis, onde os adolescentes têm sua juventude marginalizada, desenvolvendo um comportamento desinteressado e

rebelde, marcados pela descrença, violência e desmotivação.

Devido às injustiças sociais e preconceitos, os alunos da sala 203 tinham como cultura proteger sua própria etnia, ou sua "família". É o caso de Eva (April L. Hernandez), uma adolescente que desde pequena foi ensinada a proteger os seus, mas tudo isso muda quando ela é testemunha de um assassinato, e um de seu colegas de classe é acusado. Quando a professora vê a situação daqueles alunos, resolve trabalhar dobrado para entregar aos alunos, além de livros novos, um diário para que eles escrevessem suas histórias.

Através da educação e insistência, Erin acaba conseguindo mudar as ações de seus alunos, e fazem

do com que os estudantes que antes tinham apenas atitudes ruins, agora possam ter muita amizade e união! Suas ações geram repercussões ao longo do tempo. Seus discentes reconhecem valores, tornando-se mais tolerantes e adquirindo a confiança em si mesmos. Ao final, fica evidente a necessidade da criação de vínculos sociais em uma sala de aula e a reavaliação do sistema educacional como um todo.

Trazendo histórias admiráveis e um intenso drama, o filme é marcado por momentos emocionantes. Uma narrativa que expõe a persistência e o amor de uma professora, empenhada em trazer à tona uma nova perspectiva de vida. Ainda é mostrado que é possível viver com as diferenças, quebrar as barreiras e que nunca é tarde para uma mudança de atitude.

O tema do filme é extremamente importante de ser abor-

do, pois você ou alguém que você conhece pode até frequentar uma boa escola ou um bom bairro, mas já parou para pensar na quantidade de adolescentes que não podem frequentar a escola ou que não tem acesso a educação no mundo todo? Ou aqueles que até têm escolas perto de si, mas que por problemas familiares ou por conta da violência não a frequentam. Por incrível que pareça, toda a realidade retratada no filme não está tão longe assim de nós, no nosso próprio país existem casos desse tipo.

Em relação à atuação dos atores, foi excelente e cativante. Eles fazem você "mergulhar" na história, as emoções que eles passam aos espectadores são impecáveis e esse mérito também vai ao diretor Richard

LaGravenese. A trilha sonora é notável, principalmente pela música "Dream", que fala exatamente o que é dito no filme, com o estilo mais hip hop.

Com uma boa avaliação crítica, feita por cerca de 29 profissionais, o filme alcançou uma pontuação de 64% no Metacritic e obteve do público usuário do site uma nota equivalente a 7.9. É um filme também recomendável para o uso acadêmico e pedagógico.

Por fim, "Escritores da Liberdade" é brilhante, que passa sensações de emoção, superação e surpresa, aquela história de altos e baixos. Além de transmitir valores, evidencia as dificuldades que os professores têm para fazer com que seus alunos se interessem pelos estudos, e as adversidades pelas quais esses jovens passam. Lembre-se: nunca é tarde para uma mudança!

Emanuelle Viana de Freitas

Milena Y. Dos Santos

Rafaella Andrelini



CORALINE E O MUNDO SECRETO (2009)

Por mais que a animação pareça destinada ao público infantil, a misteriosa história e sua estética cativante, faz com que "Coraline e o Mundo Secreto" deixe as pessoas confusas e até gere medo nas crianças. Recomendo esse filme para pessoas curiosas, porque a história vai muito além do próprio filme!

Lucas Girotto

A CULPA É DAS ESTRELAS (2014)

O filme "A Culpa é das Estrelas" é baseado no livro de mesmo título, escrito por John Green, que conta a história de Esther Earl, uma garota que faleceu de câncer na tireoide em 25/08/2010 com 16 anos. É um longa muito interessante, podemos ver como as pessoas com a doença enfrentam seus problemas e o preconceito.



Luana Napoleão Valdera



O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO (2014)

Esse belo filme - baseado em fatos reais - nos dá um exemplo da importância dos estudos, do respeito ao próximo e ao meio ambiente. Também nos faz refletir sobre nosso estilo de vida, como nós desvalorizamos coisas comuns, mas que para muitos pode ser um privilégio. Outra coisa a se destacar é que só conseguimos entender o título no final do filme.

André Luiz T. C. Darolt

ATÉ O ÚLTIMO HOMEM (2014)

O filme conta a história de Desmond Doss, um homem que ia contra todas as regras do exército enquanto lutava na Segunda Guerra. Ele não pegava em armas devido a recordação de uma situação vivenciada durante sua infância. Todos devem ver esse filme, conta uma história real e muito diferente, você gostará tanto que vai querer assistir mais de uma vez!

João Henrique Gueno



YOUR NAME (2014)

"Your Name" não é um filme que narra apenas sobre troca de corpos e amor, mas fala também sobre a fragilidade das relações durante a vida e o quão fácil é esquecer quem você é. A trilha sonora se encaixa perfeitamente com as cenas e as animações desenhadas à mão são impecáveis. É uma história tocante, que te prende do início ao fim.

Fabiane Polli Santos

CLUBE DA LUTA (1999)

Clube da luta é um filme recheado com todos os tipos de críticas, sendo as principais: crítica sobre masculinidade e emasculação, crítica ao consumismo, crítica sobre a sociedade aos moldes femininos e seus resultados nos homens, entre outros. "Você não é seu emprego, nem quanto ganha ou quanto dinheiro tem no banco, nem o carro que dirige [...]".

Gustavo Luiz Gregório

Ana Luiza de Souza



PIRATAS DO CARIBE: A VINGANÇA DE SALAZAR (2017)

Homens mortos não contam histórias". Este seria um título melhor para o mais recente lançamento de Piratas do Caribe. O roteiro foi feito aos moldes do primeiro filme, o que dependendo da opinião, a torna um tanto previsível. Recomendo toda a franquia, pois é cheia de aventuras, com histórias de amores e vinganças, busca de tesouros e bastante humor.

Francisco Rosenente Neto



Entretenimento.

Caça-Palavras:

Quarentena

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, com palavras ao contrário.

BAGLOMERAÇÃO
CEEPTBOFAHM
CORONAVÍRUSI
ASACMERACIFN
BAALDKCWIISH
DIDÁASGEODE
AGDNÁRPOEEHO
SOÅMSARAVALI
ENHUNOEHIAEL
OSOAWSASHHIV
UTHSTTPSFTTU
HEBTSIAELLYR

Álcool Máscara Coronavírus
Aglomeración Ficar em casa
Lavar as mãos

O que tem em uma revista

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

YDTOWMEHOLEANHINGD
STMSESHSMADERD TDNO
NHDEINOTÍCIASINAHE
MWEFMABMSAACEVESEA
HHRIASNNEUGHBATYNH
HGIHGULNMYAAOTABES
ENTRETENIMENTOEARB
OEEONEAWARRDVERAOS
SITSNMMOALNRCUTT S
PROPAGANDASNESMLNE
ENTREVISTASESSÕESA
NXCRCALRDSTENWTI H

•Entretenimento •Notícias •Sessões
•Entrevistas •Propagandas

A história do Sudoku.

Fileiras, quadrados e números:

esse é o jogo criado nos EUA, mas adotado pelo Japão

Apesar de ser um jogo famoso e praticado ao redor do mundo, a sua origem é pouco conhecida. Muitos acreditam que se trata de uma prática milenar e que veio de

um país oriental, mais especificamente do Japão, o que não é bem real. Na verdade, ele possui origem estadunidense e foi criado na década de 1970, por Howard Garns, ar-



quiteto aposentado com um *hobby* em construção de *puzzles*. Seu nome inicial era “*Number Place*” (Lugar Numérico), sendo publicado na revista *Dell Pencil Puzzles and Word Games*, da *Dell Magazines* (editora especializada em jogos de raciocínio).

No início, ele não teve uma boa repercussão, mas devido à grande popularidade dos jogos numéricos no Japão, em 1984, o *puzzle* foi levado ao país pela Nikoli, a maior empresa de quebra-cabeças japonesa. Para que o jogo tivesse uma maior credibilidade, o então presidente da companhia o renomeou para “*Sudoku*”, uma abreviação japonesa da expressão “os dígitos devem permanecer únicos”, e assim ele se tornou um sucesso no país.

Graças à revista *Times*, o jogo regressou para o ocidente em 2004 e teve uma maior repercussão quando se popularizou na Europa. No ano seguinte, já estava sendo impresso em muitas revistas e jornais, ganhando até mesmo um progra-

ma na televisão e um outro na rádio. No Brasil, ele chegou no ano de 1994 e inicialmente era chamado “De 1 a 9”.

O *Sudoku* apresenta uma grade de 9 por 9 e 9 subgrades de 3 por 3, conhecidas como regiões. Ele é preenchido por alguns números iniciais e possui como objetivo completar um *grid* (colunas verticais e linhas horizontais, formando uma espécie de malha) com números de 1 a 9. O desafio é não repetir um mesmo número nem na coluna e nem na linha, usando para isso técnicas de resolução como a varredura, a análise e o emparelhamento.

O jogo apresenta um nível de dificuldade avançado e estimula o raciocínio numérico, analítico, matemático e quantitativo, além de ajudar na concentração, na observação, na construção de padrões e na percepção. Sendo muito utilizado não só como passatempo, mas também como atividade desenvolvida em escolas.

Por

Milena Y. Dos Santos

Rafaella Andrelini

Piadinhas.

Por

Emanuelle Viana de Freitas

Francisco Rosenente Neto

Ha
Ha
Ha

Frases curtas para rir ou ficar com vergonha

Se o vinho é **líquido**, como pode ser **seco**?

Quem é o **rei da horta**?

Resposta: O reipolho.

Como é que o dia tem **24 horas**, se **anoitece às 18h**?

Por que existe a **velocidade da luz** e não existe a **velocidade do escuro**?

Onde está a **outra metade** do **Oriente Médio**?

Qual é o cantor **felino**?

Resposta: O LEONnardo.

O que um **poste disse** pro outro?

Resposta: Nada! Poste não fala!

Quando os **americanos** comeram **carne** pela primeira vez?

Resposta: Quando chegou Cristóvão Com Lombo.

Por que a **formiga** tem 4 patas?
Resposta: Porque se tivesse 5 se chamaria fivemiga.

Você conhece a piada do **pônei**?
Resposta: Pô nei eu.

Por que a aranha é o **animal mais carente** do mundo?
Resposta: Porque ela é um aracne-edyou.

Por que o **Napoleão** era chamado sempre pras **festas**?
Resposta: Porque ele era bom na party.

Por que o **Batman** pôs o Batmóvel no **seguro**?
Resposta: Porque ele tem medo que Robin.

O que o **prato** disse para a **xícara**?
Resposta: “Que bundinha quente!”

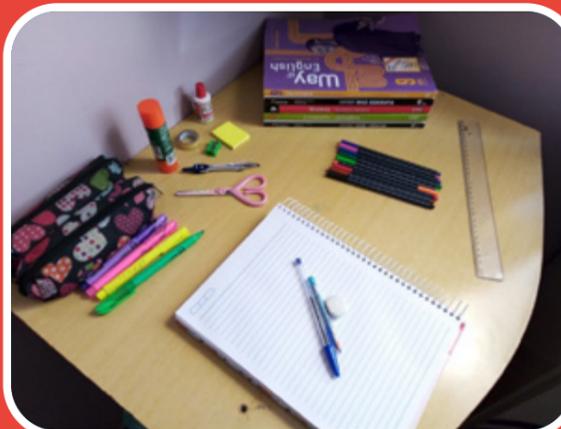
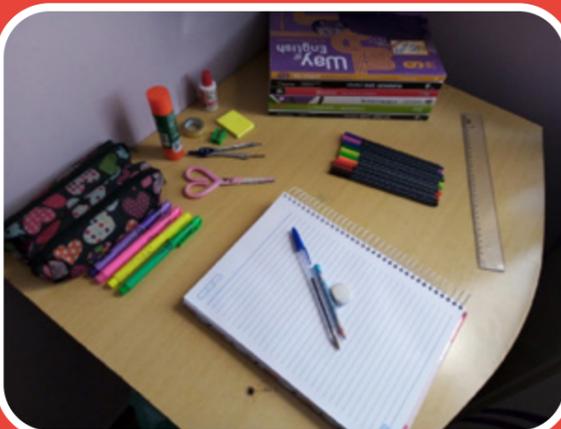
Jogue Online:
bit.ly/joguesudoku



Baixe o Jogo:
bit.ly/baixarsudoku



Jogo dos 7 erros:



Jogo da Força.

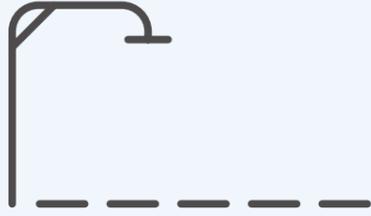
O bom e velho jogo com temas variados

Você entende muito sobre carros, esportes, filmes e países? Teste os seus conhecimentos. Mas não se preocupe caso não lembrar, nós temos dicas para te dar uma ajudinha!



Passa a página.

Carro. Carro que já foi um dos mais vendidos no mundo / Carro que envolve uma brincadeira agressiva.



Esporte. Esporte que nas olimpíadas de 1988 teve seu o “batismo de fogo”.



Filme. A Terra está entrando em caos e um grupo de astronautas tem de encontrar um planeta para a vida terrestre.



País. País asiático que faz fronteira com a Índia / O idioma falado é o bengali.



Gire a página.

Jogo da Forca.
Carro: Fusca
Esporte: Taekwondo
Filme: Interstelar
País: Bangladesh

Jogo dos 7 erros:

Caça-Palavras:

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, em palavras ao contrário.

Quarentena

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, com palavras ao contrário.

Alcool Máscara Coronavírus
Aglomeração Ficar em casa
Lavar as mãos

Que tem em uma revista

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, em palavras ao contrário.

Gabarito:

Miniconto:

o máximo no mínimo

Mas o que é miniconto? É uma narrativa breve, com apenas um conflito. Apesar de ser pequeno, faz o leitor viajar nas palavras e imaginar o que há por trás delas. Neste ano, estudamos alguns contos e conhecemos os minicontos. Por meio deles, expressamos nossas experiências no período de quarentena. Boa leitura!



Antigamente que o mundo era bom. Velhos tempos!

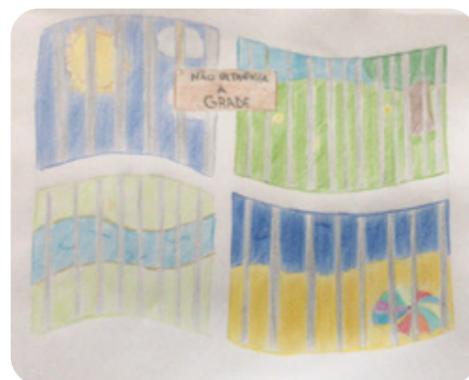
Rafaella Andreline



ISOLAMENTO SOCIAL

-Que dia é hoje?
-Quinta, por quê?
-É que todo dia parece domingo!

Emanuelle Viana de Freitas



JANELAS

Nunca foi tão necessário olhar o mundo pelas janelas.

Francisco Rosenente Neto

- O que você tem?
- Foi um ano curto, porém longo.
- Por quê?
- Coronavírus.

Maria Eduarda Constantino



QUARENTENA

Não aguento mais ficar em casa. Quero sair! E você?

Luana Napoleão Valdera



Mesmo distantes o amor não diminui...

Luana Napoleão Valdera



Lucas Giroto



Aconteceu no João Gueno.

Leia as crônicas na íntegra em:

bit.ly/cronicasgueno



Pensando na nostalgia do fim do ensino fundamental, foi proposta a ideia de produzir crônicas lembrando momentos marcantes vividos pelos alunos no colégio João Gueno. Os autores se entregaram e o resultado são histórias cheias de emoção, comédia e intensidade, envolvendo quem lê. Você pode conferir todas as crônicas em nosso site através do seguinte **QR code**:



A quase derrota.

Por: **Emanuelle Viana de Freitas**

Quando somos mais novos, nem sempre costumamos acreditar em nós mesmos, e isso infelizmente não era diferente comigo. Eu sempre fui a menor e a mais fraca entre os meus colegas e amigos, então nunca acreditava em mim mesma quando o assunto se tratava de jogos de força ou de rapidez, já que perder acabava sendo costume dentro dessas circunstâncias. Isso, até o dia em que as coisas não aconteceram como normalmente ocorriam.

O ano era 2017, mês de agosto. No Colégio Estadual João Gueno, ocorria um Projeto Indígena, em que os estudantes de todas as turmas e turnos pesquisavam e planejavam apresentações sobre a cultura e modos de vida desses povos, inclusive jogos e brincadeiras. Em um desses dias de jogos e atividades diferenciadas, as turmas estavam montando grupos para participarem das brincadeiras, as quais seriam disputadas com outros alu-

nos. Haviam me pedido para entrar em um dos grupos de jogos, só para fechar o “time”. Não haveria problema no caso de perder, o importante e interessante seria se a turma participasse, independente dos resultados. A princípio, não achei a ideia muito bacana, já que não queria passar vergonha na frente da escola toda. Mas acabei decidindo entrar em um dos jogos, aquele que usávamos a nossa força para tirar o adversário de dentro de um círculo delimitado no chão, e quem saísse de dentro do tal círculo, seria o perdedor.

Passei todo o tempo antes da minha vez de participar muito nervosa, aquele frio na barriga, achando que as coisas poderiam não dar certo, e até mesmo pensando em desistir da brincadeira. Na hora em que foi anunciado o nome do jogo em que eu participaria, foi como se meu coração quisesse sair pela boca, saltar para fora. No momento em que vi os meus adversários, que foram determinados por turmas, pensei: “pronto! Tenho certeza de que não vou ganhar!”. E fomos, em duplas, ficando sobre o desenho de círculo, até chegar a minha vez. A minha “adversária” tinha a mesma idade que a minha, mas era maior e aparentemente mais forte, o que me assustava um pouco, honestamente.

Posicionadas, o jogo havia iniciado! Nas arquibancadas? Olhares aguardando o que poderia acontecer. O círculo era intimidador, ficar fora dele,

era sinônimo de derrota. Entre um empurrão e outro, e vira para lá e para cá, vi uma luz no fim do túnel: havia uma chance de ganhar! Foi aí que tirei forças sabe-se lá de onde, e tirei a adversária do círculo. Naquele momento eu simplesmente não acreditei que havia conseguido, mesmo não tendo acreditado em mim mesma alguns momentos antes. E os alunos sentados nas arquibancadas, demonstravam o mesmo, alguns estavam incrédulos, outros, torciam por mim. Foi o maior barulho e adrenalina!

Não ganhei o jogo em 1º lugar, mas de qualquer maneira, aquilo já era meu prêmio. Ver as pessoas torcendo por mim e me encorajando foi muito importante. Aprendi que tudo o que você precisa é acreditar em si mesmo, ter esperança, não se deixar levar por suas características físicas, já que como o ditado popular diz: “não é identidade” e também por tudo aquilo que as pessoas pensam que você é e consegue ou não fazer. Naquele dia, cheguei em casa toda feliz e com o coração quentinho pela minha pequena grande conquista, que a partir daquele momento, determinava e me mostrava que não existem limitações, e que um pouco de confiança mudava tudo. E isso acabou entrando para a minha “lista” de coisas que aprendi no colégio durante todo o tempo em que estudei lá.



Vômito escolar.

Por: **Lucas Giroto**

Numa das gincanas de final de ano da escola, os alunos de todas as turmas dividiram-se em dois times para fazer uma competição.

Entre essas competições havia uma corrida.

Mas eu não sabia que era uma corrida de quem bebia copos de água em menos tempo e ainda por cima decidiram fazer a gincana depois do recreio.

Depois de beber os copos de água o mais rápido

que eu consegui, eu vomitei e ainda por cima me deram um colete de time porque minha camiseta do uniforme estava cheia de vômito. Apesar de ter trocado a camiseta, o cheiro de vômito não saiu.



Como tudo começou.

Por: **Eduardo Henrique D. da Silva**

No começo do ano de 2019, fui para o primeiro dia de aula. Cheguei no colégio e procurei minha turma com meus amigos. Já na minha sala, busquei o melhor lugar para sentar!

Depois de alguns minutos, avistei uma menina linda entrando na minha sala em direção à fileira do meu lado.

Espantado com sua beleza, fiquei admirando-a por vários minutos, e para

chamar a atenção dela fui pedir um lápis emprestado.

Na hora do intervalo, falei dela para todos meus amigos, dizendo como a achava muito bonita. Eles falaram para eu conversar com ela...

Acabando o intervalo, voltei para a sala e, envergonhado, comecei a falar com ela até chegar o horário de ir para casa, ansioso para que no outro dia eu pudesse vê-la a ver novamente. Fui correndo para minha casa.

De tarde recebi uma mensagem de um número desconhecido, perguntei quem era... ela respondeu seu nome e falou que estudava na minha sala. Fiquei muito feliz por ela ter me mandado mensagem. A partir dali, conversamos por vários dias e depois de muitas conversas começamos a namorar. Mesmo com muitas brigas e desentendimentos, estamos juntos até hoje e pretendemos ficar e realizar muitos sonhos juntos.



Audiobook

Em **2019**, os alunos do oitavo ano do Gueno produziram o livro de crônicas "**O meu, o seu, o nosso São Dimas**". As histórias visam despertar um novo olhar do bairro São Dimas nos alunos e no leitor. Em **2020**, algumas dessas crônicas foram lidas pelos próprios autores e transformadas em um **audiobook**. As experiências foram muito enriquecedoras e o resultado final **-que ficou incrível-** pode ser conferido através dos seguintes **QR code**:



bit.ly/audiobooksadimas

bit.ly/livrosaodimas



Ouçã no  Spotify



Este é um produto educativo, fruto de uma parceria entre o **Núcleo de Comunicação e Educação Popular**, da Universidade Federal do Paraná, com o Colégio **Estadual João Gueno**, localizado no bairro São Dimas, em Colombo - PR.

O NCEP (Núcleo de Comunicação e Educação Popular), é um Programa de Extensão vinculado aos cursos de Comunicação Social da UFPR e existe desde **2003**. Seus pilares são a **educomunicação** e a **comunicação popular**, e é através deles que o projeto desenvolve oficinas que buscam promover a democratização dos meios de comunicação.

A parceria com o João Gueno surgiu em **2018**, através da realização de oficinas de educomunicação. O primeiro resultado obtido foi a produção de um **livro de crônicas** com os alunos do oitavo ano do Colégio. Essas crônicas tinham o objetivo de despertar um novo olhar do bairro São Dimas e o resultado foi o livro **“De Pés no Chão: o São Dimas que vivemos”**. No ano seguinte, com uma parceria cada vez mais forte, surgiu o blog **“Gueno News”** e um novo livro, intitulado **“O meu, o seu, o nosso São Dimas”**, com temas sensíveis que marcaram a vida de cada aluno.

No ano de **2020**, com uma nova proposta, NCEP e João Gueno elaboraram uma revista virtual, a **Janelas Abertas**, desdobrada agora para esta versão impressa.